O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — Manuel Firmino d'Almeida Maia, Barbosa de Magalhães, J. E. d'Almeida Vilhena, Augusto Ribeiro, Marques Gomes, Alves d'Azevedo, Francisco de Magalhães, e Firmino de Vilhena

ANNO XLV

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 25 DE MAIO DE 1895

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:470

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumártin, 61.

SUMMARIO:—A visão dos tempos.—Crise ministerial.—Grande homem.—Carta de Goes.—Noticias do estrangeiro.—Noticiario.—A maré sóbe.—As industrias da miseria em Lisboa.—Carta de Estarreja.—Noticias diversas.—Folhetim: Magdalena.—Pelo estrangeiro.—Secção scientifica.—Secção litteraria.—Carta de Lisboa.—Carta de Estarreja.

AVEIRO

A visão dos tempos

Era n'uma tarde calmosa de maio, e sob a ramaria espessa das virgolosas do Fundão, que teem grangeado fama em Portugal e no mundo inteiro desde que aquellas regiões produziram o nevralgico prodigio, que vae tornando lendarias as terras do Alcaide, um homem adormecido corta o ar com os descarnados braços, como se o mordessem animaes invisiveis. O sol bate obliquo sobre as vinhas da encosta e sobre os castanheiros da deveza. O canto dos grilos interrompe o socego dos campos. As andorinhas nos vôos constantes enchem o espaço dos seus gritos alegres. Tudo é vida e satisfação em redor d'aquella figura que o somno prostrou e que agitando se convulsamente parece presa de horrivel pezadêlo.

Crispações nervosas dão-lhe ás cavadas feições um tom que a linguagem de homens não sabe traduzir. Descerram-se-lhe os labios e atravez d'elles sáem sons guturaes. Parece que mão pezada procura estrangulal-o. A espaços o suor banha-lhe os temporaes. Então agita-se o corpo, com os movimentos inconscientes do cadaver posto em contacto com a pilha voltaica. E' o fenomeno das alucinações durante o somno. E' o recordar, dormindo, das preoccupações que desperto lanceiam o espirito. De repente parou o estrebuchar e os sons tomam forma e fazem-se palavras ao principio mal distinctas, mas depois bem acentuadas. Ouçamos o que diz. E' sempre instructiva a franqueza no periodo da inconsciencia, porque revela cousas que na vida real mal se suspeitam.

— Tentei, novo Icaro, erguer-me alto sobre o charco de lama em que se afunda a politica do meu paiz, mas as azas eram de cebo e derreteram-se com os calores estivos. Cahi e atasquei-me no lodo do Nyassa, revolvido já pela cubiça d'um desvairado, que por dinheiro é capaz de vender-me, como vendeu aos francezes e aos inglezes os mesmos quinhões da companhia, incorrendo no crime de burla. A minha triste sina levou-me a supor que no taboleiro do xadrez bastava arrastar o rei na minha orbita, para cavallos, bispos, torres e peões me seguirem com a confiança de predestinados. Mas faltava-me não só o seu concurso, como tambem a peça principal n'este jogo de calculo. Não tinha do meu lado a rainha, e com os meus lances arriscados puz o rei em chec, o que é sempre erro para os que entendem alguma cousa.

«Investi com a peonagem, dissolvendo-lhe a assembleia, com o pretexto da nova ordenança eleitoral. Mas esta saiu de malha tão miuda, que os fantoches com quem contava, perceberam a traça e emanciparam-se da minha tutella. Jurando aos seus deuses absterem-se, prejudicaram os meus intuitos e fizeram ver no olympo que não eram infaliveis os meus calculos. Eu contava é verdade com auxiliares no campo adverso; mas ou elles valiam pouco, ou as minhas manhas já não illudem ninguem. Demais a mais o Nyassa estragou tudo, porque me falta o *leader* para levar as hostes ao combate. Hei-de lançar-me nos braços dos colens, que são de estrella e bêta, para ser absorvido por a voracidade dos meus alliados, que já pregaram pirraça ao Zé Dias, e que são capazes de a pregarem ao proprio Iscariota? N'essa não caio eu. Alem d'isso entre elles e o Zé Bento ha agravos, e eu não quero pagar as differenças. Hei-de lançar-me nos braços do gazeteiro de S. Roque? Mas elle é finorio e só lhe leva as lampas o Marçal, que embaça a todos.

«Estou por tanto contrariado e mettido n'um beco sem saída. Tenho por collegas homens que em engenho valem menos que eu. O Carlos tem manhas e astucias de serpente. Mas deixou-se filar pelo Veiga e deu com os burros n'agua no celebre caso da *chantage*. Se fosse o *Lyrio*, não me espantava. Mas o Carlos... o homem dos relatorios, o que dizendo-se muito liberal na intrancia da vida, a final fraternisou com a pena de morte nos crimes politicos, com a supressão das liberdades municipaes e com as eleições de funil do *meu* decreto de 28 de março!... o Carlos que eu tinha como um alho, e que a final deu aquelle estenderete, que lhe ha de custar a reparar! O Pinto dos generaes tem bazofia para cem condes de Lippe, mas fóra d'ella... serve apenas para adiantar-se na promoção. Vae-lhe sorvando a pera á Mephistofles, mas é um pisa-flores, e conservando a pasta, está marechal em pouco tempo. Tem venetas o da marinha, mandou arrancar os tapetes por causa dos microbios que lá deixou o Brissac, e tem sido pimpão com a Guiné. Mas o peor é a telha, que ás vezes me dá agua pela barba. O Azevedo Villa-Real é pachorrento, mas domase, e não vae mal. O financeiro de Caneças já pouco me encommoda, porque conhece a minha força. Sabe que no xadrez jogo o rei em qualquer lance, não me prendendo com etiquetas palacianas. E' verdade que a arraia miuda está descontente e que os esculapios troçaram da parada d'Avenida, parodiando a festa em que *eu* expuz a guarda ás vistas dos basbaques, como quem promette ir lhes ás costas se se fizerem finos. O peor é, que o povo não pode pagar mais, e que o estado não tem credito para contrair emprestimos. Lá anda pelo estrangeiro o Burnay n'essa diligencia, não obstante a careta dos colens, que embirram com as barbas do banqueiro e com a cara rapada do mano da gazeta, que me saíu um politico de primeira ordem.

«Em que virá porem tudo isto a parar? As finanças estão arruinadas, e nem sequer cogito em concertal-as. Quem vier atraz que se arranje. A monarchia está desprestigiada, mas os seus adversarios não estão mais acreditados. Os progressistas poderiam ainda fazer alguma cousa em proveito das instituições, mas em quanto eu poder governar sem camaras, dispondo do rei como peça do meu jogo, não deixo ninguem passar-me adiante. O de Caneças sujeita-se e se sahisse, treparia *eu* para a vaga. Quem *me* dera que elle alijasse a carga! Não são annos de fortuna. Quanto ao mais, os meus antigos partidarios berram porque os declarei incompativeis. Pois que berrem. Elles valiam só por os meus favores. Fallam, blasonam, mas quando lhes aceno, correm todos ao reclamo. Opposição na ausencia. Cumprimenteiros e obzequiosos quando os mando chamar.

«O que me incommoda é a tranquillidade aparente do paiz, e a abstenção eleitoral. Se houvesse ao menos um simulachrosinho de lucta!... Mas não com o Zé Dias, que não me fio d'elle, nem elle confia em mim desde a partida que lhe fiz na commissão de fazenda e que deu origem á sua queda. Não, que elle podia tirar a desforra, com que muito haviam de rir o Hintze e o Zé Bento, obrigando o Carlos a fazer-me figas, e o Marianno um *pié-de-nez*. Assim... seguirá tudo á mercê do acaso, e quando soar a hora do naufragio, salve-se quem poder.»

Aqui um espirro interrompeu as exclamações e despertou o dorminhoco. Abriu os olhos, distenderam-se-lhe as belfas e poz-se a prumo espreguiçando-se abhorrido. Estava á beira d'elle pessoa de confiança que como todas repetiu o que tinha ouvido e que nós fielmente transcrevemos.

Se houver incorrecção, relevem-n'a os que costumam acolher com benevolencia as fraquezas do proximo.

Crise ministerial

Cahe, ou não cahe, o ministerio? Não o sabemos, porque todas as crises passam ao estado chronico n'este paiz, aonde os palliativos, ministrados por qualquer charlatão politico, tem a virtude de as entreter indefinidamente. E' o caso, em que, para os *pacientes*, não rege essa lei universal do espirito humano—*quod volumus, facile credimus*.

O que vêmos é, que o grande edificio social, que teve por obreiros os heroes d'Ourique, de Aljubarrota, e do Salado, emeaça ruina; e, que pode e deve sotterrar-nos em breve espaço, visto que os valentes demolidores tanto abusam da sua irresponsabilidade, sem que os obriguem a prestar caução por sua *pessoa* e bens, ou a dopôrem quanto antes os camartellos destruidores.

O que vêmos, é, que o espirito de uma facção corrupta e esbanjadora se assenhoreou d'estes Estados, e obra livremente fazendo uma guerra de exterminio a quanto resta de santo, de justo, e patriotico sem exclusão da nossa propria autonomia.

O que vêmos, é a malevolencia e as cruezas do despotismo a amesquinhar, a opprimir, a sacrificar um povo inteiro.

O que vêmos, é, que esta nação de um passado gloriosissimo, se converteu em alvo de motejos estrangeiros, desde que a moralidade e a economia, tão apregoadas em programmas governativos, de cá fugiram espavoridas ao verem, que, quem mais deveria mantel-as, e exemplifical-as, as tripudia impunemente em bachanal festim.

O que vêmos, é, que a grande maioria da nação está affectada do indifferentismo, ou antes do desalento, proprio dos enfermos, que descrêram da cura, e desprezaram o preceito de Christo—*serva te ipsuus*.

O que vêmos, são conluios, ardis, e favores interesseiros dispensados á turba multa dos que vivem folgadamente á custa da miseria publica, dos vexames odiosos, e das iniquidades.

O que vêmos é o arbitrio a dispôr de forças para alastrar a anarchia, roubando á nação os direitos politicos, as regalias, e até o necessario para as subsistencias individuaes.

O que vêmos é um habil jurisconsulto, mas um nephelibata incongruente, e sem partido, prestar-se a representar uma comedia ridicula, fingindo-se adversario dos seus amigos para lhes succeder com o favor do Paço, e a coadjuvação de dois politicões muito industriaes, e não menos industriosos.

O que veremos n'esse caso (pouco provavel) será um governo envesgado, machiavelico, menos *franco*, muito tenebroso, e constitucionalmente intruso.

O que veremos então é um systema aperfeiçoado de angariar proselytos em desprezo total dos negocios da publica administração.

Tudo isso veriamos, porque todos sabem que o sr. José Dias é, em politica, *das mesmas ideas e das contrarias*, como elle proprio tem confirmado pelas suas declarações e discursos no parlamento. Quando, por exemplo, em 1884 sua ex.ª tomou a peito ser emprezario d'umas reformas hybridas na Constituição, a moção de ordem, que apresentou, foi uma moção de censura ao governo, com o qual aliás *confessára* que *tinha feito pacto*. E, para evidenciar mais a *sinceridade* d'essa alliança, concluiu o seu discurso com a seguinte interrogativa—quer o partido progressista fazer um accordo comigo?!...

De modo, que o sr. José Dias, que estava ligado a um partido, propunha negociações ao partido contrario: tinha com os regeneradores o *melhor do seu casal*, e offerecia-se publicamente para entrar com os progressistas em combinações hostis aos seus alliados!!...

E, porque assim, cada vez será mais rachitica a nossa vida economica e industrial, mais escassa a nossa producção em todas as especialidades, mais insufficiente o nosso trabalho em todas as applicações, é claro, que, á falta de credito, nos hão-de sobrecarregar com addicionaes, até que a insolvencia ou a fome produza os seus consequentes effeitos.

Pela nossa parte não acreditamos em condicionaes que se opponham a essa solução, emquanto não virmos o emprego de meios que as justiquem, isto é—rigorosa disciplina e muita coragem na colligação liberal. A não ser assim, continuarão os governos de costas voltadas para a nossa deploravel situação e desgraçadas finanças, olhando só para o crescido numero dos comedores, que os apoiarem.

E, em tão triste conjunctura, o ministerio decompõe-se, sahindo alguns dos seus membros, *cançados de governar* (!) para diversos pontos do paiz; e o nosso credito retira para o estrangeiro, representado por um notavel financeiro!... Que fatalidade!!...

Assim, os pilotos abandonam o chaveco governativo no meio da tormenta *sem protesto*, que indemnise das grossas e irreparaveis avarias que lhe causaram, mas com o *pretexto* uzual da falta de saude!?!...

Quando veremos nós, que o *amor das pastas* não é o *unico conselheiro* dos conselheiros da corôa??...

Elysio Freire d'A. Pessoa.

Grande homem!

Está na tella da discussão a figura proeminente do sr. Dias Ferreira, que é decerto o maior homem d'este seculo. «A abstenção é um verdadeiro attentado contra o regimen parlamentar», diz o grande homem, e assim é, pois desde que elle o diz não é licito a ninguem contrarial-o.

Estamos já d'aqui a ver como o paiz inteiro se prepara para erguel-o nos escudos do suffragio. Um assombro de popularidade e de grandezas; o terror de todos os partidos, que hão de necessariamente baquear, edificando-se então nas ruinas de Carthago o throno do protentoso politico portuguez. «Só prega a abstenção do suffragio, que é o dogma fundamental das instituições liberaes, quem julga o povo incapaz de manter os seus direitos e de defender as suas regalias». Ora o «seu caminho», d'elle sr. Dias Ferreira, «é para a liberdade, não é para o despotismo». O homem vae, pois, á urna. *Magister dix*, e d'aqui não ha fugir.

Mas, francamente, que imaginará o sr. Dias Ferreira a respeito d'este brioso povo portuguez? Se nos não tivesse dado, quando poder ainda ha pouco, a medida exacta do seu valor de homem e de estadista, seria caso para suppôr, este das fanfarronadas com que se apresenta a fallar á gente pela voz da gazeta, que o heroe da reforma administrativa de 92 e de quantos mais dispauterios lhe lembraram, estava de todo transtornado.

E, *arcades ambo*, raposas desafia a gargalhada publica quando escreve sobre o assumpto:

> «O artigo do *Tempo*, orgão da politica do sr. conselheiro Dias Ferreira, condemnando sem reservas a abstenção eleitoral, produziu grande sensação no mundo politico. E' uma verdade, que devemos reconhecer. Escripto com doutrina e com historia, calou no animo de todos.»

Pois não, sapientissimo dr.! ¡E a proposito, repete-nos aqui um visinho, ao ouvido, a consagrada phrase d'um escriptor de merito: «Um tolo encontra sempre um outro tolo ainda mais tolo que o admira». Grande verdade, esta,

CARTA DE GOES

23 DE MAIO DE 1895.

Meus amigos.—Dissémos que dariamos hoje noticias da politica brutal e picaresca do chefe regenerador d'este concelho,—o mais inhabil, inepto e falto de censo, entre os seus congéneres na administração publica, màs como remuneração, o mais faccioso, vingativo e intolerante! Continua o ricaço no intuito, sempre improficuo, de inutilisar o grupo progressista local; e nada ha, de degradante e torpe, que o basofia não *mande* pôr em pratica, para saciar a sua vingança, rancor e má vontade. E quando lhe observam que a arbitrariedade e a vingança não se coadunam com o caracter grave, sério e justo d'um chefe de partido muitissimo barbado, que faz politica suja e suez, arreganha os dentes, arrebita as orelhas, deita fóra o aparelho, e ai de quem se lhe aproximar... Sobra-nos o desejo e a vontade de mais uma vez zurzir os dois intrujões, thio e sobrinho; os dois pantaleões, os dois cynicos, os dois rancorosos, os dois difamadores, os dois turbulentos, os dois orgulhosos e vaidosos, os dois administradores emfim, que só prejudicam o glorioso partido a que dizem pertencer, pela incorrecção dos seus actos. E' porém tempo e tinta perdidos: o descaro é tanto, tão enorme, que não ha já palavras que lhes façam mudar a côr.

Olhem, parlapatões; ainda nos achamos com força de vontade para os segurar pelas orelhas e torcel'as, até que venha outro progressista que nos ajude a lançar-lhes o asear aos beiços; é que não merece a pena que arrisquemos as canellas; e até porque quem não tem vergonha todo o mundo é seu.

Parece que esta prosa lhes ha-de ser agradavel. Gostaram? Se assim fôr, promettemos continuar, afinando pelo mesmo diapasão. Se não gostarem, voltem para mudarmos de assumpto. Temos cá pau para toda a colher.

X.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

O casamento da princeza Helena de Orleans com o duque d'Aosta verifica-se a 20 do mez proximo. A sr.ª condessa de Paris, sua mãe, sua irmã D. Izabel partiram já de Sevilha para Paris, devendo seguir d'alli para Londres; o duque sahirá proximamente.

As noticias de Cuba são favoraveis á causa de Hespanha. A julgar pelas ultimas noticias, a insurreição deve terminar em breve. Seguem os telegrammas que julgamos mais importantes:

> *Madrid*, 22. — Perto de Dos Rios, na provincia de Santiago de Cuba, a columna commandada pelo coronel Sandoval encontrou uma partida dirigida por Marti, que se intitula presidente da republica de Cuba, e pelo cabecilha Maximo Gomes. O combate durou hora e meia, ficando mortos Marti e 14 insurrectos. Crê se que ficou ferido e outros dizem morto o cabecilha Maximo Gomes. As perdas das forças hespanholas foram de 5 mortos e 7 feridos. As tropas apossaram-se de muitas armas e da correspondencia de Marti.
>
> *Madrid*, 23. — Os insurgentes que cahiram prisioneiros no combate de Dos Rios declararam que a insurreição está em situação desesperada, não encontrando apoio geral na população e carecendo de dinheiro. Disseram ainda que a insurreição só poderá sustentar-se algumas semanas.
>
> *Madrid*, 24. — Confirma se a morte do cabecilha Marti, considerado a alma da insurreição e o mais intelligente de todos os chefes. O seu cadaver deve ser embalsamado e conduzido para Santhiago, a fim de se evidenciar a sua morte. Seguem ámanhã tres cruzadores para Cuba.

O cabecilha José Marti de que falla este telegramma, era um homem novo, instruido, intelligente, de actividade incançavel e genio emprehendedor. Foi elle que desde New-York organisou a insurreição actual. Não era homem de lucta, mas de grande acção propagandista e fiel defensor das idéas separatistas. Tinha 44 annos e era formado em direito. Os dois ultimos annos do curso fel-os em Saragoça, sendo condiscipulo do actual ministro do Ultramar, o sr. Castellano. Os jornaes hespanhoes attribuem excepcional importancia a este combate, que suppõem como decisivo para o aniquilamento dos insurrectos. O general Martinez Campos, afim de aproveitar o desalento dos flibusteiros e dar lhes novamente uma severa lição, partiu com algumas tropas para Manzanillo e Santiago de Cuba. Segundo parece o coronel Sandoval, vae ser promovido ao posto immedito, como recompensa pela sua conducta no ultimo combate.

A Hespanha acaba de soffrer um novo golpe. Dá-nos noticia d'elle o seguinte telegramma:

> *Manila*, 22. —O naufragio do vapor hespanhol *Gravina*, de 600 toneladas, deu-se de madrugada na costa de Zambales, em consequencia d'um espantoso cyclone. O navio foi a pique com 167 pessoas, das quaes 4 eram officiaes do exercito e 2 missionarios dominicanos. Apenas se salvaram tres pessoas. O vapor fazia serviço entre differentes ilhas Philippinas, e pertencia a uma casa anglo-hespanhola.

Noticias chegadas hoje de França dão o governo em crise.

NOTICIARIO

A Rainha em S. Pedro do Sul.—A augusta esposa d'El-Rei continua a receber n'aquella formosa estancia todos os testemunhos de consideração divididos ás suas altas virtudes. De toda a parte chegam pessoas de distincção para a cumprimentar, e povo para a vêr. Merece estas provas de consideração e de affecto quem tantas virtude possue.

Dr. Assis Brazil.—O Porto, terra de bravos e de porte sempre altivo, recebeu o illustre representante do Brazil por uma forma verdadeiramente nobre e digna. Satisfez á espectativa publica, pois que se muito era o que se esperava, mais foi ainda o que succedeu. E' que o Porto, em actos de patriotismo, de bom senso e de obsequiosidade, não ha terra que a eguale.

Notas da carteira.—A ex.ma esposa do nosso muito presado amigo, sr. Agapito Rebocho, acaba de ter o seu bom successo dando á luz uma robusta creança do sexo masculino. Felicitando por isso a ex.ma sr.ª D. Maria Clementina e seu esposo, cumprimos apenas dever de velha e sempre respeitosa amizade.

Universidade. — Estão aqui em goso de ferias de ponto, os nossos estimaveis conterraneos e applicados alumnos da Universidade de Coimbra, srs. Elisio de Lima, Jayme Duarte Silva, José de Vilhena Magalhães, Antonio Brandão, Joaquim Peixinho, e José Luciano Corte Real.

Edificante.—E' isso o que se está passando em Oliveira d'Azemeis, e que o *Jornal do Povo* nos conta nas seguintes linhas:

> «Reuniu hontem, em casa do nosso amigo sr. Caetano da Costa Seabra, a mesa administrativa da Santa Casa de Misericordia e Hospital d'esta villa, para tomar diversas resoluções respeitantes ao hospital, entre ellas a da abertura d'este estabelecimento de caridade, ficando resolvido abrir-se no dia 2 de julho do corrente anno, visto alguns mesarios e outros cavalheiros responsabilisarem-se generosamente a cobrir o *deficit* provavel de cerca de 400$000 reis annuaes, durante 5 annos por escriptura publica. Foi tambem apresentado pelo provedor o orçamento da receita e despeza do hospital para o proximo 1.º anno, o qual depois de larga discussão, foi approvado, e bem assim o orçamento da despeza a fazer com a compra de mobilia e outros objectos indispensaveis, que serão adquiridos com o producto do fundo disponivel.»

Oliveira d'Azemeis, a terra que foi berço de José da Costa Sousa Pinto Basto, de Antonio Bernardo da Costa Pinto, exemplares notaveis da mais austera probidade e da mais notavel isempção politica, e que ainda hoje é residencia habitual de alguns homens illustres, n'essa terra nobilissima por muitos titulos, não falta a caridade nem se apaga o bem fazer. O que alli acaba de realisar-se bastaria para engrandecer o seu nome se outras razões não houvessem para isso.

São relativamente felizes os pobres onde a caridade dos que podem por tal forma se expande.

Fallecimento.—Falleceu em Leiria o nosso antigo amigo e distincto collaborador sr. Germano Augusto Marques de Mello, que por muito tempo exerceu alli o cargo de escrivão de direito, exonerando-se mais tarde porque o seu estado de saude lhe não permittia o exercicio de um serviço assiduo. Foi um funccionario digno e um homem de bom caracter. Era natural d'este districto. A sua familia enviamos d'aqui a expressão da nossa dôr.

Aposentação.—Foi finalmente aposentado o muito digno professor da Palhaça, sr. Joaquim Rodrigues de Seabra, sem duvida um dos mais dignos professores do districto e que mais serviços tem prestado á instrucção. Clerigo digno a todos os respeitos, é tambem um professor a quem se deve muito. Se a aposentação é para o nosso bom amigo um descanço merecido, damos-lhe por isso os nossos parabens. Oxalá que o que vem substituil-o possa prestar serviço egual ao que prestou o sr. Rodrigues de Seabra.

Caminho de ferro do Val do Vouga.—Estão de todo concluidos os trabalhos de campo relativos ao caminho de ferro do Vouga e até ao fim do corrente mez devem achar-se ultimados os estudos de gabinete. Depois d'isto, constituir-se-ha immediatamente a Companhia para dar logo começo aos trabalhos de construcção. Completando umas informações que démos ha tempos, diremos que os concelhos de Oliveira de Frades, Vouzella, S. Pedro do Sul e Vizeu terão estações nas terras mais importantes atravessadas pela mesma linha e n'um ou outro ponto simples apeadeiros.

Mais um!—O governo continua na sua carreira de desatinos. Agora mandou metter em processo o nosso collega *Progressista*, de Braga, jornal que não vae além da verdade no que affirma. O que o governo espera conseguir com isto só elle o sabe. O que faz é denunciar maus propositos e isso é sempre condemnavel.

Serviços marnotaes.—Vão muito atrasados os serviços das marinhas. O tempo corre-lhe mal. Trabalho que fazem hoje as chuvas desfazem-lh'o ámanhã. Depois as aguas que os viveiros receberam são más, teem de receber outras e para isso não se lhe proporciona ensejo. Sal novo por conseguinte tarde o haverá. Consequencia de tudo isto é a subida do pouco que ainda existe—pouco e em poucas mãos. Por 21$000 réis os 15 mil litros, medida restricta, já não ha quem venda.

Situação agricola.—E' excellente o estado actual dos campos. Tudo bom. Vinhas, oliveiras, milhos, e os proprios trigos, tudo está com excellente apparencia. Receia-se, porém, que as chuvas venham a prejudicar os vinhedos, que o *mildiu* se levante e se propague. A nascença é grande por toda a parte e os rebentos apresentam-se com força que indica a mais completa sanidade.

Caso grave.—Por carta recebida de Niza, diz o *Districto de Portalegre*, sabemos que em Alpalhão reina grande panico pelas circumstancias realmente aterradoras que motivaram este caso. Uma vacca foi atacada de hydrophobia. Verificada a doença, em vez de a enterrarem, deixaram-n'a exposta á voracidade dos animaes. O cão, que mordeu o sr. Andrade, foi um dos que comeu da carne da vacca; e depois d'isso já appareceu outro. Quantos cães, lobos e rapozas a não comeriam tambem? Esta pergunta levantada no espirito de toda a gente, faz com que todos andem armados, não se atrevendo a sair de noite fóra de suas casas.

Em nome d'aquelles povos, diz o collega de Portalegre, pedimos ao sr. governador civil as mais promptas providencias.

Um successo notavel.—Em Portalegre deu-se o facto que o nosso collega do *Districto de Portalegre* narra nos seguintes termos e sob a epigraphe que segue:

O sinistro da fabrica da rolha

Na segunda-feira ultima por 10 e meia horas da manhã, um grande e prolongado estampido, como de ameaçadora tempestade que se avisinha, pôz em sobresalto grande parte da cidade, principalmente os visinhos da fabrica da rolha. Quasi immediatamente a esse estampido, muito antes de se saber o que o motivara e onde se dera, viu se toda a calçada que sobe desde S. Francisco em direcção á estrada da Serra convertida n'uma caudalosa levada d'agua, que precipitando-se por alli fóra, em breve tornou o recinto do mercado e estrada adjacente n'um immenso lago até ao Arco de Santo Antonio. Uma grande quantidade de rolhas, de pedaços de madeira, destroços de moveis partidos recentemente, enormes saccas de rolha eram arrastadas pela corrente, indo uma d'estas parar ao Arco de Santo Antonio, isto é, á distancia aproximada de 100 metros desde a fabrica de rolhas!

Foi logo evidente que qualquer sinistro se dera alli, e por isso o povo, uns patinhando, outros tomando pelas ruas superiores, proximas, começou a correr áquelle estabelecimento. A principio tudo era vago—desmoronara-se o grande deposito das aguas, havia muitas victimas, umas soterradas nos escombros, outras afogadas.

Depois, que angustias, que anciedades nascidas d'estes boatos!

Não se descreve nem o espectaculo desolador, que se nos apresentava á vista, nem as scenas commovedoras que alli se presencearam. Homens, mulheres e creanças, em altos gritos, interrogando os grupos procurando reconhecer em cada operario o rosto de uma pessoa querida de familia que não encontrava e que não sabia se era viva ou morta, maridos, irmãos e filhos a abraçarem-se á medida que se iam encontrando, gritos d'alegria a confundirem-se com os gritos de desespero e da mais lancinante anciedade.

A ninguem restava duvida de que as paredes do grande deposito haviam rebentado, porque as aguas, com o seu enorme pezo e com a força da sua expansão, haviam lançado por terra um paredão na parte superior á fabrica e invadido o grande terraço do mercado, arrastando por toda a sua extensão uma infinita quantidade de pedras entre o pezo de meio kilo e o de 150 a 180 kilos, aproximadamente. A pouco e pouco se foi aclarando a verdade pelos que sahiam salvos da catastrophe.

Não se sabia se as paredes ao desmoronarem-se, haviam colhido e sepultado sob ellas alguns operarios. Era certo porém que nas officinas havia operarias em risco de se afogarem e de serem trituradas pelos pedregulhos que a corrente arrastava. Imagine se o que então se presenciou! Abaixo e ao lado do deposito, as cinco portas da officina destinada aos teares de saccas tinham sido despedaçadas completamente pelas aguas e pedregulhos do desmoronamento, que, envadindo a officina, haviam triturado completamente todos os teares e mais utencilios, fazendo-os desapparecer sob montões de terra e pedra. Na officina immediata, communicando com aquella por uma simples porta e cujo solo está á profundidade de uns 3 metros desde as janellas fechadas, e fortemente construidas, que dão para o mercado dos porcos, trabalhavam muitas mulheres, que, com as mãos supplicantes, acravadas na agua até ao peito, vendo e sentindo rolar pedras enormes em roda d'ellas, pediam soccorro em altos gritos. Em breve se estabeleceram os soccorros. Praticaram-se rombos na parede da fabrica para dar sahiba ás aguas e as janellas das officinas foram partidas a machado, e por ellas salvas as pobres operarias que viam a agua continuando a subir com grande rapidez, ameaçando de as submergir. Faltava porém uma, que ficava longe do alcance dos salvadores, do lado opposto, e que, ou pelo susto ou por se lhe haverem prendido as roupas a algumas das machinas, não se atrevera ou não podera atravessar a corrente estabelecida pelo meio da officina, por onde rolavam fardos, madeiras, fragmentos de portas e janellas, [illegible] e a anciedade que dominava os assistentes. Urgia salval-a e não se sabia como. Era impossivel ir pelo outro lado da fabrica, em frente do lado desmoronado do deposito, convertido n'uma enorme e terrivel catadupa. Uns operarios, cujos nomes nos não poderam dar e que publicaremos afinal, se os podermos saber, entraram na officina onde estava a pobre operaria em perigo e conseguiram tiral-a d'alli quasi morta. O medico sr. dr. Sampaio fez esforços inauditos para a salvar, ao ponto de cahir por fim quasi extenuado de forças, sendo então substituido pelo sr. Visconde dos Cidraes. Apezar de tão boa vontade, de tão deligentes cuidados a pobre Marianna Caldeireira, que se achava gravida, falleceu. Ao tempo que estas scenas se passavam, uma outra tinha logar nas mesmas officinas não menos horrorosa. Na primeira officina, a de tecelagem, trabalhava João Bica e um filho. Este, ao ouvir o estampido do desmoronamento, fugiu para a officina immediata em que trabalhavam as mulheres. O pae, ou por estar mais affastado da porta ou por qualquer outra circumstancia, foi colhido na officina pela innundação, em cuja corrente teve de se metter para se deixar levar por ella atravez a porta de communicação das duas officinas, com risco de ser triturado pelas molles de pedras e destroços que pela mesma porta passavam de tropel, incessantemente. Quando se equilibrava no cimo de um pedregulho, para não ser por elle esmagado, vinha uma sacca de rolhas passar-lhe sobre o corpo e submergil-o. Tentava vir á tona d'agua e de repente sentia embaraçados os seus movimentos por uma machina de fazer rolhas, que a corrente arrancava do solo e arrastava comsigo; libertava-se d'esse embaraço e logo se repetia o mesmo accidente ou surgia novo, pondo-lhe em risco a vida, pela perda de forças e pela demora de auxilio. Este desgraçado, depois de uma lucta, em que se sentia morrer a cada momento, foi afinal salvo pelo proprio filho, ao que nos dizem.

O deposito, segundo as nossas informações, media aproximadamente 8 metros d'altura, 8 de largura e 12 de comprimento; achava-se quasi cheio, contendo cerca de 720 metros cubicos d'agua!! A parede desmoronada mede cerca de dois metros de espessura, mas é feita de pedra solta, não travada, com cal e saibro. O largo do mercado dos porcos acha-se coagulado de pedras desde a fabrica até ao muro que a separa da estrada. Se o sinistro se dá em dia de mercado, teriamos hoje a lamentar immensas desgraças. Toda a pedra do macadam ficou a descoberto, vendo-se aqui e alli grandes regalheiras praticadas pelas aguas, que se perderam estrada do cemiterio abaixo, largo de Corro, até ao Arco de Santo Antonio, invadindo estabelecimentos publicos e particulares. As aguas chegaram a transbordar das janellas das officinas para o mercado; vendo-se alli, por entre os destroços de machinas e d'outros objectos, pedras de grandes dimensões que para alli foram arrastadas pela innundação. Prestaram muito bons serviços, os srs. dr. Sampaio, que foi de uma dedicação extraordinaria, commissario de policia e guardas, infanteria 22, guarda fiscal, srs. Viscondes dos Cidraes, os corajosos e humanitarios operarios da rolha e muitos populares. A infeliz Caldeireira foi tirada das aguas pelo soldado Tabarra, Manuel Brito, operario, Facha, da guarda fiscal, e Wilhouse, dono da fabrica. Ha muito que se não dá acontecimento que tão fundamente impressionasse esta cidade, se bem que, por mercê de Deus, apenas haja a lamentar a morte da pobre Marianna Caldeireira, alem de algumas contusões recebidas por João Bica e operarios empregados na salvação de seus companheiros de trabalho.

Noticias de Traz-os-Montes.—*Villa Real 24.*—Tem continuado a baixar o preço dos vinhos do concelho. Aquelles que achavam pouco 45$000 réis por pipa, contentam-se agora com muito menos. O milho está-se vendendo de 610 a 630 cada 16 litros. O centeio baixou, muito, por causa da importação de Hespanha. Os feijões e batatas estão muito caros. Nos gados nas feiras do districto não tem havido preços altos. A carne nos talhos da villa desceu a final um pouco, graças a desintelligencias entre os cortadores. Apresentam-se os vinhedos soberbos este anno, e, se não vier a *nevoa de S. João* fazer das suas, promette ser grande a colheita. As differentes culturas prosperam a olhos vistos, em razão dos grandes calores que teem feito

A maré sobe

Sob a epigraphe que precede estas linhas o *Commercio de Portugal* escreve o seguinte:

Como o governo tem alcunhado de republicanos todos que o combatem pelos seus erros e pelos seus desatinos, nós já devemos estar na lista, infelizmente longa, dos inimigos do throno. Se, porem, realmente o fossemos, teriamos rido a bandeiras despregadas ao lermos a descripção da parodia feita pelos estudantes da Escola medico-cirurgica de Lisboa á festa militar, que se realisou ha dias na Avenida da Liberdade, para ser condecorado com a medalha de ouro o cabo Epiphanio Martins, da guarda municipal, com 50 annos de serviço sem nota. E comtudo, não rimos. Pelo contrario, observamos com pezar como avança a passos de gigante essa propaganda demolidora do regimen monarchico, e como tem lançado fundas raizes para o descredito das instituições, a politica desastrada que se está fazendo no nosso paiz em dois annos de governo regenerador. Todos fomos rapazes, e todos os que andámos pelas escolas superiores sabemos o que é capaz de fazer uma collectividade de companheiros de todos os dias e durante annos, quasi irmãos, descuidados, sem preoccupações, e com o espirito sempre disposto a acceitar e a realisar os mais extravagantes planos, as combinações as mais excentricas e as mais disparatadas lembranças. No nosso tempo, a politica era cousa extranha ás academias, mas existia o mesmo sentimento de solidariedade que existe hoje, que é innato e que será eterno entre gente moça, intelligente, esclarecida e altiva, e se o alvo das nossas troças não era nem governo nem homens publicos, não escapava á nossa *vendetta* aquelle que tivesse tido a imprudencia de ferir os nossos brios, desrespeitando e affrontando qualquer condiscipulo nosso.

A parodia a que nos referimos e da qual mais adeante damos a desenvolvida noticia, que encontrámos no nosso prezado collega do *Diario de Noticias*, não é só um symptoma, é mais alguma coisa, é uma manifestação e uma manifestação abertamente hostil ao existente. Ella prova que a ideia republicana vae fazendo caminho e que chegou á mocidade das escolas, que ainda ha bem pouco tempo mandaria passear e apostropharia com as mais violentas *charges*, o simplorio que cahisse na tolice de lhe ir fazer a apologia da republica ou da monarchia, duas palavras sem sentido para ella, que tinha cousas de muito maior ponderação a attender, desde uma sabbatina, que podia decidir do anno, até uma patuscada ao campo em companhia alegre. E assim succedeu em todos os tempos, quando os acontecimentos politicos não eram de ordem a impressionar o espirito publico e os clamores levantados contra a marcha do governo não passavam do mundo dos partidos, muito restricto e muito acanhado no nosso paiz.

Ora, ninguem contestará que é geral e quasi unanime a condemnação d'esse governo leviano e provocador, que para ahi está ha tanto tempo, fazendo atropellos de toda a ordem, pizando a Constituição aos pés e envestindo com as leis, e que nem os surdos deixarão de ouvir os brados de indignação que echoam no paiz inteiro contra tanta insensatez e tantos attentados.

Aos rapazes que teem bom ouvido tambem chegou a noticia d'essas façanhas e mais ainda, elles conheceram praticamente até onde chegam a insania e o despotismo d'estes dictadores empavezados, que não respeitam nem os direitos, nem as regalias, nem o decoro do cidadão e que põem acima de tudo e de todos, a sua personalidade balofa e os seus aguazis insolentes.

Foi esse conhecimento pratico, que gerou a troça de domingo, e a bofetada dada por um commissario de policia em um estudante inoffensivo, injuria atroz que ficou sem reparação, crime gravissimo punido pelas leis e que ainda está em aberto, essa bofetada não ficou sem resposta! Pois que, imaginaram que esses rapazes cheios de brio, que andaram dias e dias a pedir, inutilmente, não favor nem complacencia, mas justiça e cumprimento da lei, esqueciam a affronta feita á classe inteira, e que ficaria impune aquelle insulto, aggravado pelo despreso com que os tratou o ministro do reino? Suppuzeram acaso, que rapazes de sangue quente, impetuosos, com a noção perfeita do direito e com a consciencia da propria dignidade, deixariam ficar sem desforço a aggressão brutal de um delegado do governo e que este escondera sob a sua omnipotente egide para a furtar á acção dos tribunaes, onde elle tinha de responder pelo seu atrevimento?

Riu-se o sr. João Franco, como se riram os seus collegas e toda a policia de Lisboa, quando se deu o insolito caso? Pois como houve quem se risse depois d'elles, com certeza e segundo o conhecido proloquio francez, riu-se como ultimo mais do que se riram os primeiros. Apezar do que fica dito, não approvamos o que fizeram os estudantes das escolas de Lisboa, no domingo, em um estabelecimento do Estado, com as portas abertas ao publico.

Reconhecendo que tinham razão para um desforço, porque, realmente, é inaudito o procedimento havido para com elles por parte do governo, desejariamos, comtudo, que elles, que protestaram contra uma injustiça, não fossem por sua vez tambem injustos e que não aggravassem quem os não havia aggravado e que, pelo contrario, teria promptamente obrigado o governo a dar-lhes inteira e completa satisfação, se se lhe dirigissem a pedir o que o sr. ministro do reino tão acintosamente lhes recusára.

Mas, ainda d'esta vez se reconheceu que nas circumstancias em que se encontra o paiz, no estado de exaltação dos espiritos, agitados pela politica nefasta do mais nefasto dos governos, não são os ministros os que mais soffrem as consequencias das suas proprias loucuras, e sim quem devia estar acima e fóra das discussões, e que é trazido não só para ellas, mas até para as troças dos rapazes, como responsavel de actos que lhe não pertencem, e que, todavia, lhe são attribuidos, por ser só da sua vontade e só da sua authoridade que vive o governo que os pratica, e que ha muito está divorciado do paiz, que o condemna e o detésta. Se isto pode ser indefferente aos ministros e deve de ser agradavel ao partido republicano, ha de forçosamente ferir e magoar os verdadeiros monarchicos, que já não sabem o que hão de dizer e hão de fazer, para que se comprehenda que não pode continuar um estado de cousas, que ameaça seriamente a estabilidade do regimen politico do paiz, está demolindo todos os dias, pedra por pedra, a base onde assentam as instituições, e affrontando, rebaixando e annullando o prestigio, a authoridade e a inviolabilidade do monarcha!

Fizeram mal os rapazes, porque não foram justos, mas antes d'elles, injusto fôra o governo, que os escarneceu, que os desprezou, que se riu da sua confiança no cumprimento da lei e que os deixou esbofeteados, sem reparar essa offensa enorme, e assumindo d'ella toda a responsabilidade, porque propositadamente e accintosamente a deixou impune!

O resultado ahi está estampado em todos os jornaes e festejado por aquelles com quem o governo activa e dedicadamente collabóra para uma mudança politica, que póde abalar desastrosamente o paiz e até, quem sabe, a sua nacionalidade! E vem a proposito lembrar que a *Lanterne* de Rochefort nada teria valido contra o ultimo imperio em França, se, ao mesmo tempo, a musica original e alegre de Offenbach não tornasse populares as comedias em que foi exposta á gargalhada das multidões a monarchia despotica e com ella a côrte dos validos sem criterio, sem dignidade e sem patriotismo. E' que de tudo se póde escapar, menos do ridiculo.

O facto a que o *Commercio* se refere é assim discripto.

*

OS ESTUDANTES DA ESCOLA MEDICA— UMA FESTA CARACTERISTICA

Pelo mesmo motivo que ha dias na Avenida se galardoou o exemplar comportamento do cabo Epiphanio, da guarda municipal, quizeram os estudantes da escola medico cirurgica de Lisboa galardoar 40 annos de exemplares serviços prestados pelo velho servente da mesma escola, Lourenço Rodrigues, um pobre homem que entrou para o serviço d'aquelle estabelecimento em 1855, tendo visto desfilar deante de si umas poucas de gerações de medicos. A parada da Avenida suggeriu á mocidade academica aquelle acto honroso e mandou cunhar uma medalha de ouro com as seguintes legendas: «A Lourenço Rodrigues, 1895». Do lado opposto: «Os estudantes da escola medica».

A ceremonia, que estava marcada para as 11 horas da manhã de hontem, começou rigorosamente áquella hora. A' festa dava-se todo o caracter que revestiu aquella da Avenida, não faltando os contingentes, e tudo mais que lhe deu luzimento e brilho.

Além de muita gente do povo, que entro no pateo da escola medica para assistir á alegre festa, viam-se pelas janellas muitos empregados e suas familias e professores da escola medica, etc., etc. Todos tinham intersse em assistir á ceremonia que apresentava completa novidade entre nós, e todos sahíram, segundo nos parece, bem impressionados.

A chegada dos contingentes,—Pouco antes da hora marcada, começaram a chegar os contingentes das diversas escolas de Lisboa, que formaram em frente da escola medica, estabelecendo um quadrado. Todos traziam o seu distinctivo, mas os que mais se destacavam eram os da marinha que na cabeça tinham em vez de *bonets*, barretinas de papel em fórma de barco; a *guarda intestinal*, com fardas de panninhos de varias côres e capas amarellas com micrôbios, e barretinas multicolôres tambem. A guarda pretoriana, que foi a ultima a chegar, era em grande numero, trazendo na cabeça, em vez de barretinas, tachos de barro, presos com cordas e colheres de pau atravessadas.

A musica vestia casacos de panninho de varias côres, e os instrumentos compunham-se de latas de petroleo, que serviam de bombos, regadores, que imitavam trombones, grande profusão de gaitinhas differentes, incluindo a gaitinha de canna, de que os pretos se servem para o *batuque*. Os musicos levavam na cabeça barretinas de papelão de variegadas côres.

Cegada do rei da festa.—Depois de tudo formado e posto em ordem, um clarim postado no lado norte, junto da casa das observações, deu o signal de sentido, prevenindo da proxima chegada do *rei da festa* com o seu estado maior. Momentos depois, chegou elle acompanhado do condestavel, chefe das guardas pretorianas, general festas e ajudantes de campo. Todos vinham montados em burros lazarentos, muares e cavallos, destacando-se o burro do *condestavel*, que a cada passo cahia, arrastando o cavalleiro. Estas scenas davam sempre logar á gargalhadas francas por parte da multidão que assistia á festa.

A revista.—Chegado que foi o *rei da festa*, este passou a revista ás *tropas* entrando para o quadro o *Rei* e a imprensa, que teve convite especial para assistir. As tropas, perfeitamente alinhadas e de um asseio irreprehensivel, provocaram elogios do *rei*, que se monstrou satisfeitissimo com a sua gente.

A ceremonia.—No quadrado entrou tambem o velho servente Lourenço, vestindo um fato preto e mostrando-se muito commovido pela honra que lhe ia ser conferida. O rei avançou para elle, e tomando a medalha da mão do *Festas*, collocou-a no peito do velho servidor. O mesmo *Festas* entregou ao rei o discurso em verso, que elle leu, no meio da mais franca hilaridade, e que é como segue:

Não és banqueiro de poder immenso,
Nem ao menos fallido ou emprezario,
Nunca fallaste aos peixes, meu Lourenço,
Por isso não terás um centenario.

E és mais santo que os frades Franciscanos,
Para tanto provar o que me exigem?
Este nobre Lourenço, ha quarenta annos
Que vive entre rapazes e está virgem!

E's o inventor da celebre pomada
Que emenda dos carecas o defeito,
Ninguem te deu por isso a «Torre e Espada»,
Pois bem: esta medalha põe ao peito.

Pódes usal-a com orgulho—é d'oiro—
Em nome do meu povo aqui t'a entrego,
Como lembrança nossa, é um thesoiro
E, em caso d'afflicção, põe-se no prego.

Do fundo d'alma, um viva agora arranco,
O' de Esculapio exercito aguerrido!
Mas não vão dizer nada ao João Franco
Que póde ser o velho demittido.

discurso como se vê, repleto de graça, provocava verdadeiras explosões de riso. O velho Lourenço, quando o rei terminou, agradeceu, sempre muito commovido, a honra que acabava de lhe fazer, e levantou vivas á academia, que foram calorosa e enthusiasticamente correspondidos com vivas a elrei Coutinho I.

A continencia.—O *rei* com o seu estado maior, retirou para um sitio mais sombrio, a fim de assistir ao desfilar das tropas em continencia. Começou o desfilar dos contingentes e da guarda pretoriana, achando o *rei* e declarou em voz alta, que era pouco, parecendolhe até uma *tropa fandanga*. O *Festas*, porém, para obviar a esse inconveniente, fez desfilar novamente a tropa, parecendo ter ficado o *rei* um pouco mais satisfeito.

A retirada.—Em seguida ás tropas terem passado em continencia, o *rei* retirou para o lado da casa das observações, seguido do estado maior e do condestavel, cujo *gerico* cahiu no trajecto umas cinco ou seis vezes. A *tropa* dispersou, não para os quarteis, para o largo, misturando-se com a multidão, que presenciou a esplendida festa. Era grande a animação, e das janellas os lentes e mais pessoas riam a bom rir da encantadora diversão.

Violencias da policia.—Terminada a ceremonia, com o desfilar das tropas e a retirada do *rei*, a policia, que até alli não tinha dado signal de si, começou a praticar toda a casta de violencias. De entre os policias, que vinham armados de sabres de pau, destacaram-se como mais brutos tres d'elles com os n.ºs 321, 321 *bis* e 321 *triz*. Estes tres policias prendiam a torto e a direito, depois de empurrarem com arrogancia e commetterem toda a qualidade de destempero. Em pouco tempo a casa da guarda, improvisada na escola medica, e junto d'ella o tribunal, achava-se repleta de presos, que eram acto continuo affiançados, pagando conforme as suas posses, 20 réis, 40 reis, etc., entrando esse dinheiro no *cofre*, que era um vaso com aza. Depois de todos os presos affiançados, o cofre foi quebrado, sendo entregue o producto das fianças ao velho Lourenço, que o recebeu, chorando e tremulo de commoção. O bom velhote tomára tudo aquillo a sério, seguindo para sua casa, com o coração a transbordar de alegria, por um momento tão feliz como aquelle que a mocidade academica lhe proporcionára. Era quasi uma hora da tarde quando a festa terminou, retirando-se todos satisfeitissimos por aquellas duas horas recreativas, tendo como pretexto a graça concedida ao servente Lourenço, uma ideia peregrina que só póde brotar de cerebros cheios de vivacidade como são os dos moços academicos.

Notas.—Os commandantes dos contingentes montavam compridas canas com cabeças de cavallo, de papelão.

—Quando os 321, andavam prendendo gente e a mettel-a na casa da guarda, levaram tambem um agente de policia secreta que assistia á festa. Chegado ao *tribunal* improvisado, foi reconhecido como indigente e por isso não pagou fiança. Foi portanto enviado para a terra da sua naturalidade, de misericordia em misericordia.

Tudo isto é altamente significativo, mas a obsecação não deixa ver o que está na evidencia de todos.

AS INDUSTRIAS DA MISERIA EM LISBOA

Qual é o fundo natural do caracter do homem? O bem ou o mal? Escreve o *Diario de Noticias*:

Para muitos philosophos a maldade é a essencia da natureza humana. Ao ver como os homens se despedaçam continuamente, já em guerras intestinas, já em guerras internacionaes, o homem é o animal mais feroz da creação. Nenhum como elle trava com tanto afinco e com tanta crueldade a lucta da existencia. Não é sem motivo que os grandes conquistadores como Bonaparte, ou os grandes estadistas como Bismarck, consideram o homem unicamente como a materia prima da guerra, como a *chair-á-canon*, segundo se expressava o primeiro. No emtanto quem observar bem as phases da vida, reconhecerá que o homem não é tão mau como parece e que só as durezas do ambiente que o rodeia é que provocam, na maioria dos casos, as durezas do seu coração. Não falaremos já d'aquelles que se sacrificam heroicamente—almas de eleição—pelo bem estar do seu similhante, pelo engrandecimento da humanidade. Não são elles, por certo, os que formam legião, mas a sua figura destaca-se luminosa acima de todas a coisas e lança uma claridade suavissima que dissipa muitas amarguras. Referimo-nos n'este momento aos humildes, aos obscuros, aos que supportam a vida com uma resignação de martyres, quasi com uma absoluta inconsciencia da superioridade humana. Custa a crer até como o homem desce a este automatismo, a este funccionamento de machina ordinaria. Os grandes centros de população offerecem quadros dignos da mais viva e profunda analyse, e pena é que entre nós não exista um Maxime du Camp que nos revele estas feições sociaes e economicas da vida lisboeta. A nossa capital, vista á luz do sol meridiano, tem um encanto fascinador, embora os andrajos da pobreza appareçam frequentemente a enodoar este aspecto brilhante. Mas é de manhã e á noite que ella merece ser observada, quando o elemento trabalhador se dirige para as suas officinas, quando o cortiço disperta e toda a colmeia entra em labutação.

E' certo que muitos d'esses trabalhadores apresentam um aspecto de robustez desenvolvida no proprio exercicio quotidiano, mas quantos trazem estampada no rosto macilento a historia das suas privações constantes! A necessidade, a falta de energia e a falta de aptidão, não fallando já na concorrencia, obrigam a muito e por isso vemos tanta gente entregue a mistéres mesquinhos, quasi improductivos e nocivos. A hygiene tem-se occupado do trabalhador e do trabalho nas fabricas, mas fóra d'esses recintos fabris, quantas coisas a que fôra necessario attender, quantas providencias fôra urgente applicar! Altas horas da noite o varredor respira uma atmosphera mephitica, só para que a cidade appareça todas as manhãs com o seu ar de limpesa e aceio. De madrugada são os trapeiros, revolvendo os barris do lixo para metterem no saco algum despojo nauseabundo, que para elles vale quasi tanto como a pepita que os mineiros encontram nos terrenos auriferos do Transwal. Uma das cousas que mais impressão nos causam, é a docilidade, a paciencia, com que são exercidas certas industrias da rua. E' sempre com curiosidade, mas com maior compaixão ainda, que fitamos esses seres que estão acocorados deante do seu taboleirinho, vendendo fructas e gulodices, ás portas dos theatros ou nos sitios de mais passagem, expostos a todas as intemperies atmosphericas, como se fossem insensiveis á chuva, ao calor, ao frio. Quando passamos pela porta da egreja do Loreto, ha uma voz que sempre nos fere o ouvido de um modo extravagante. E' o pregão d'uma vendedeira de raminhos; uma hespanhola rachitica, uma miniatura de mulher, cuja fala nos recorda a dos personagens d'um theatrinho de bonifrates. Velasquez não desdenharia de transmittir á posteridade aquella singular creatura. Mas de todas as industrias da rua, de todas as profissões da miseria, nenhuma por certo mais interessante e digna de chamar a attenção da policia, que a dos pedintes de enterro e das missas funebres. E' a tradição das carpideiras que se perpetua. Quando morre alguma pessoa de teres ou de mediana fortuna, ou quando se reza missa por alma de alguem, vereis á porta do defunto ou no corpo da egreja um bando andrajoso que vos importuna, pedindo esmola. Mulheres de todas as edades, homens, creanças, formam esse agrupamento caprichoso, que se diria uma tribu de ciganos. Nos seus rostos, onde se estampa a velhice precoce, lêr-se a avidez mesquinha de quem se contenta, como o cão faminto, de roer um osso. Deante d'este conjuncto repellente não sabemos se nos havemos de rir, se nos havemos de enternecer, porque esta miseria como que tem a envolvel-a o véo da ironia e da comedia.

A sociedade não póde assistir indifferente á evolução d'estas industrias, porque os operarios que as formam são em grande numero e estão em intimo contacto com as classes populares. E' este elemento que contamina a sociedade, que a deprava, que lhe depaupera o sangue, que lhe arruina o organismo, contribuindo poderosamente para a degeneração da raça. Olhe-se por isto, e quando não se lhe dê mais nada, dê-se-lhe hygiene, dê-se-lhe ao menos um banho!

A limpeza physica é tambem um grande factor de moralidade!

CARTA DE ESTARREJA

20 DE MAIO DE 1895.

A instancias do meu presado amigo José Luciano Corte-Real, deve chegar a esta villa, em breves dias, o academico Hylario, sobejamente conhecido no paiz, como eximio cantor do fado. Todos os rapazes anceiam a vinda do festejado bohemio, a quem será offerecida uma lauta ceia, no conceituado restaurante Camara. Exultem, pois, as nossas gentis damas, porque em breve, sob os seus balcões floridos, ouvirão entoar, o rei-bohemio, as suas amorosas e versselhas canções.

— Assaltam-me *ditinhos!* Amigos approximam-se, mysteriosamente, perguntando-me, intrigados, quem é a viuvinha que falla italiano. Deu-lhes no gôto o facto que narrei, e cujo conhecimento agradeço á summa perfeição dos meus ouvidos. Indaguem, meus patricios! A minha bondade, e o respeito que tributo aos segredos alheios, não me permitte contar-lhes curiosas minudencias. Ahi teem um bom enygma, os amadores do genero.

— Despertam interesse, n'este pequeno meio, uns artigos publicados no *Jornal d'Estarreja*, sob o titulo *Ridiculo-mania*. Bem escriptos, em estylo algo enygmatico, promettem cortar cerce as raizes d'algumas arvores daninhas, que, por mal de todos, aqui vão engrossando, segundo a opinião esclarecida do illustre articulista. Eu tenho, sobre o estranho caso, apontamentos muito curiosos, que guardo no meu cofre como preciosa reliquia, ma que não virão, tão cêdo, para o mens da má-lingua. O que nos parece, salvo o devido respeito, é que o elegante sensôr não consegue o almejado fim, porquanto, julgo possivel, o errar o fito. E mais nada, que o assumpto é melindroso.

— Um desabafo: O *Jornal do Commercio*, de Lisboa, do qual sou humilde correspondente, permittiu-se o direito de cortar dois periodos, ao mal alinhavado escripto que ultimamente tive a honra de enviar-lhe. Descrevia eu a impressão dolorosa, que produziu n'esta villa o procedimento do padre Brandão, em casa do sr. conselheiro Luciano de Castro, quando alli se reuniram os delegados dos centros progressistas, para deliberarem qual a attitude que devia tomar o partido, em face dos ultimos acontecimentos politicos, e terminava: —«um bravo e honrado lavrador, ouvindo contar taes factos, disse sentir muito não poder estar proximo do inclito sacerdote. Eu não sei qual a intenção, contida n'estas palavras.» Parece-me que, nos dois periodos citados, não havia affronta que fosse urgente esconder, nem tão pouco necessidade de poupar, ao futuro parocho d'Arroyos, a leve insinuação. Mas o illustre redactor do *Jornal do Commercio* não o entendeu assim, e fez passar a esponja por sobre aquelles rabiscos. Seja tudo pelo amor de Deus!...

— Ora ahi vai um assumpto, em que a auctoridade administrativa póde desenvolver um pouco da sua actividade. Aos ossos do dia, e na praça d'esta villa, exerce um *bruxo* o seu rendoso mister. Rivalisa, o homem, com a pythonissa d'Adães, tanto na efficacia dos elixires, como na abundancia de clientes, annunciando curas milagrosas com agua do Phlegetante, o celebre rio infernal. Um alfaiate, que hoje tive em casa, narrou-me, a tal respeito, coisas extraordinarias, deixando-me estupefacto ante as maravilhas que o heroe realisa. A uma parente do illustre *tailleur*, custou a brincadeira quatro mil e quinhentos réis, e continua, a ingenua doente, com o diabo em si. Aqui falhou o remedio, mas nada de invectivas, que os melhores medicos tambem se enganam. Agora a serio: Pede-se á auctoridade que metta o homem na cadeia, porque, de contrario, voltamos ao assumpto.

— A' hora em que lhes escrevo, 9 da noite, está sobre nós uma formidavel trovoada. A chuva é torrencial.

— Dois clinicos já procederam ao exame da pequenita, que, em um pinhal do Agro, foi victima d'uma infamia, encontrando-se-lhe evidentes signaes de violencia. O scelerado está preso.

— Está entre nós o sr. dr. Cortez Machado, antigo administrador da Povoa de Varzim. Sua ex.ª parte em breves dias para a sua casa de Sinfães.

— O meu presado amigo Manuel Falcão Cotta, representante de uma das casas mais fidalgas do paiz, parte esta semana para o Minho, a fim de visitar seu sobrinho, o sr. conde de Calheiros.

— Consta-me que se está levantando, na administração do concelho, um auto de investigação em que figura, como *reu*, um meu amigo, influente progressista de Pardilhó. Tenho de fallar demoradamente sobre o caso, que me vai cheirando a misera vingança. Arautos trombeteam, para que se ouça longe a horrida ameaça, e influentes, na sombra, *mexem os pausinhos* a contento dos chefes. Ora esperem, que vae chover enxofre.

Airagrebla.

NOTICIAS DIVERSAS

Centenario de Santo Antonio.—O sr. patriarcha expediu uma pastoral ao clero do patriarchado approvando o programma das

---

161 **FOLHETIM**

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

DECIMA 1.ª PARTE

VINGANÇA DE MAGDALENA

VIII

MÃE E FILHO

— Já sabes, começou Magdalena, que Moran foi prezo hontem á noite.

— E tambem sei que se o pretexto d'essa prisão foi não ter querido Moran apresentar o passaporte e o de John ao inspector de policia, a verdadeira causa depende de André e Simão.

— Quem t'o disse?

— André contou-me tudo ao sahirmos da casa do barão.

— E sabes que tenho em meu poder uma carta do teu protector, o padre Samuel Roberts?

— Sim, minha mãe.

Magdalena entregou a seu filho a carta que por espaço de tantos annos André trouxera na sua carteira. Paulo leu-a com veneração, levou-a aos labios, e depois de beijal-a e de humedecel-a com lagrimas, exclamou:

— Agora comprehendo as causas da hypocrondia que pouco a pouco foi destruindo aquelle ancião veneravel; agora avalio a razão porque não me fallou de ti; o receio de me causar desgosto o obrigou a não me fallar d'uma herança que eu no futuro não poderia desfructar. Meu pobre pae! Oh! nunca o teria accusado! Conheceria então, como conheço agora, a louvavel intenção que precedera a sua resolução de depositar o dinheiro nas mãos de Moran. Aquelle bom ancião foi victima da sua integridade e honradez exagerada. Oh! é preciso que a vontade do padre Samuel se cumpra inteiramente.

— Queres dizer que devemos rehaver a todo o custo a fortuna de João de Marmontel?

— Sim, minha mãe, ainda que depois a distribuamos pelos pobres.

— Não esqueças que a responsabilidade de Moran é enorme.

— Sei que irá para um presidio, perdendo ao mesmo tempo a sua fama de homem honrado, que, como diz André, é o que mais ama n'este mundo; mas é indispensavel, porque de outro modo ficariam impunes os seus crimes, e ámanhã intentariam esmagar-nos completamente.

— Sinto muito, querido Paulo, não ser do teu parecer; mas sempre entendi que a melhor vingança é o perdão das offensas. Se Moran se obstinou em fazer do nós o alvo das suas iras, nós, que temos a fortuna de ver as coisas debaixo de um ponto de vista muito diverso, devemos perdoar lhe.

— E' impossivel, minha mãe: Moran tem sido um infame para mim, e devo vingar-me.

— E deshonrando-o, conseguirás o que desejas?

— Cumprirei a ultima vontade do padre Samuel.

— E se não obtiveres que resplandeça a verdade?

— A authenticidade da carta que André nos deu é innegavel.

— Mas talvez não produza o effeito legal que desejamos.

Paulo ficou um momento pensativo.

— Em todo caso, meu filho, continuou Magdalena, se queres, farei o que desejas, porque o meu dever é proteger-te; mas tem em lembrança que Moran é pae, que é muito desgraçado com seu filho, e que sobrado castigo achará na sua consciencia sem que nós nos vinguemos.

— E havemos de deixar impunes as suas infamias?

Magdalena guardou silencio.

— Havemos de perdoar tambem a John Strey, accrescentou Paulo? Eu não o odiava antes, porque despresava as suas intrigas; mas desde agora aborreço o de todo o coração. E' um infame: foi elle a causa das tuas desgraças anteriores, foi elle, segundo diz Simão Paschoal, o auctor da morte de meu infeliz pae; elle fez naufragar o *Poderoso*, n'uma palavra, é elle a chave das nossas dôres, e por conseguinte, perdoar-lhe, minha mãe, equivaleria a offender-me e offender a sempre viva memoria de meu pae.

— Paulo, eu amava teu pae com paixão, amo-o ainda apesar dos annos decorridos, porque o capitão do *Poderoso*, o nobre Anselmo Iradier, era modelo de homens e de esposos. Em todo o tempo que vivemos unidos pelos duplos vinculos do amor e da ventura, a nossa existencia deslisou tranquilla, sem nuvens que nos empanassem as esperanças, sem pezares que nos atormentassem o espirito, sem desgostos que nos agitassem o coração. Não é pois de admirar que, vendo-o morrer, e tendo de resignar-me, por ti mais que por ninguem, a consentir que lhe dessem por sepultura o oceano antes do tempo marcado, chorasse desoladamente a sua morte e anhelasse vingar-me do infame John Strey: mas eu vinha a bordo do navio que elle governava por morte de Anselmo, e entre os tripulantes só contava com um amigo fiel e generoso.

— Simão?

— Sim, meu filho; mas Simão tinha sido encerrado no porão do navio algumas horas depois de ser arrojado ao mar o corpo de teu pae, e só de lá saiu nos momentos terriveis da tempestade, que produziu a nossa separação e desventuras. Simão salvou-me n'uma lancha, como sabes, fallou-me de uma carteira, mas a dôr que me causava a tua supposta morte, mal me permittia escutar as suas palavras. Esperava elle certamente que passassem os primeiros momentos da minha dôr para contar-me tudo e dar-me a carteira que encerrava os planos perversos de John; mas a fatalidade inutilisou completamente o seu desejo. Já sabes o acontecido na estalagem, pelo que Simão foi preso e condemnado, sem que meus rogos e lagrimas bastassem para me abrirem as portas da sua prisão. Depois a minha enfermidade impediu-me de tornar a vel-o.

—Mas não sabias onde elle estava?

— Em principio nada soube porque tinha a cabeça completamente transtornada. Depois sim.

— E escreveste-lhe?

— Muitas vezes; mas as minhas cartas nunca lhe chegaram ás mãos. Antes d'isto escrevi, ou antes, o honrado sacerdote sob cuja protecção e amparo me achava em S. Feliú de Llobregat, escreveu a João de Marmontel: e Moran, a quem eu não conhecia e de quem jámais me tinham fallado, respondeu em nome d'aquelle, que mezes antes fallecera o velho armador, quasi ao mesmo tempo que naufragava o seu navio, e que todas as pessoas haviam morrido no mar, excepto alguns marinheiros.

— Ah! que infamia, minha mãe! exclamou Paulo. Moran, successor de Marmontel, conhecia melhor que ninguem a historia do naufragio; tinha talvez já então em seu poder a herança de meu pae; sabia a historia de minha vida pelo padre Samuel, e comtudo...

— Occultou-o e desfigurou os factos com astucia incomparavel, porque tinha empenho em conservar o que era teu.

— E o padre Samuel que fez? Como é que não tratou de invesiigar o teu destino?

— Não era facil encontrar-me, ainda que me procurasse; a minha enfermidade impediu-me de contar a qualquer pessoa a historia da minha vida. Os meus protectores só viam em mim uma pobre mulher desamparada; mas ninguem sabia quem eu era, nem como me chamava. Quando fui a V... com o intento de averiguar por mim propria o que dissera em resposta á carta do sarcedote, todos me affirmaram que Marmontel havia morrido, que o *Poderoso* tinha naufragado em a noite de 15 de outubro de 1837, e que só Jonh Strey conseguira salvar-se. Perguntei por elle e por Moran, mas tinham ambos desapparecido sem se saber para onde.

— Ah! minha mãe! a fatalidade conjurava-se contra nós.

— E' verdade; mas depois Deus protegeu-nos. Hoje possuimos a chave das intrigas que tão poderosamente concorreram para a nossa separação e desgostos; Moran e Jonh estão presos, Rodolfo caminha n'este instante para a deshonra e nós podemos perdoar ou condemnar os nossos inimigos. Strey tornou-se merecedor do nosso odio; mas eis o que queria dizer-te: os annos, os acontecimentos, a longa observação que acompanha sempre uma existencia isolada e melancolica, o estudo que tenho feito dos homens e das coisas, teem-me dado a conhecer que toda a vingança é inutil n'este mundo. Acima de nós, meu filho, está Deus, e só elle deve julgar-nos. Crês que o que mata ou fere por vingar-se, está livre de remorsos, de lagrimas e de experimentar continuos sobressaltos? Crês que o verdugo, apezar de flagellar, apezar de matar em nome da justiça e das leis, não tem o seu somno interrompido pelas recriminações ou pela lembrança das suas victimas? O juiz que condemna apoiado na lei e na justiça, cuidas, meu filho, que deixa a duvida de o atormentar? Aquelle que castiga o mal fazendo mal, não pode estar tranquillo.

—Mas que nos cumpre fazer? perguntou Paulo, havemos de perdoar a Moran? deixaremos John Strey na impunidade?

Magdalena fitou Paulo carinhosamente.

— Se é essa a tua vontade, accrescentou o filho, faze o que te aprouver; porque eu, querendo vingar-me d'elles, não o faço por desejar recobrar a fortuna de Marmontel, mas por castigar as infamias por elles commettidas. Sou teu filho, choro a morte de meu pae, e não posso saber com indifferença as intrigas de que um e outro foram victimas; por tanto, embora não existisse a questão da herança, eu vingaria o naufragio do *Poderoso*.

— Praticarias então d'esse modo para vingar offensas pessoaes?

— Sim; é tal o meu odio contra John e Moran, que se ámanhã sahirem bem d'este processo, procurarei matal-os onde quer que os encontre.

— Ah! não, isso não! exclamou Magdalena levantando-se, a justiça dos homens cairia sobre ti e sobre os teus.

Dizendo isto, Magdalena tomara uma attitude severa.

— E' inevitavel, minha mãe, insistiu Paulo. Se queres salval-os da responsabilidade civil e criminal que contrahiram, salva os muito embora; mas tem presente que isso não evitará a realisação da minha vingança.

— Meu filho, quanto não soffrerias tu se fosses Moran e visses desapparecer a tua honra, o teu credito, as tuas esperanças, a tua existencia emfim, talvez no momento de sentir remorsos dos teus passados crimes? Que farias, se fosses Rodolfo, e como elle te visses em poder dos mesmos a quem havias querido esmagar e destruir? Quem sabe se atravez dos annos, e apezar do pacto fatal que parece ter ligado John Strey com Guilherme Moran, aquelle está proximo de arrepender-se e emendar-se? E se no momento de esperares a morte, vendo-te sob o poder dos teus proprios inimigos, considerando como descoberto os teus crimes, soubesses que os mesmos que deviam ser teus accusadores e teus juizes te perdoavam? Que seriam então os primeiros impulsos da tua alma? que revolução se effectuaria na tua consciencia? Ah! meu filho! vendo-te rehabilitado, livre, recobrando tranquilidade, posição e liberdade, depois de te julgares perdido, decerto a gratidão illuminar-te-hia o cerebro e o arrependimento tornar-te-hia bom. Não ha ninguem no mundo tão digno de lastima como aquelle que não sente em sua alma os germens do bem. Ninguem é tão desgraçado como o que ignora a senda da virtude e do dever. Dever é portanto dos que a conhecem, ou ao menos aspiram a conhecel-a, ensinal-a tarde ou cedo áquelles que por ignoracia se extraviam. Se Moran olvidou os seus deveres, Deus o julgará, mas não nos attribuamos um poder que só a Deus pertence.

Paulo não respondeu. Conhecia a intenção piedosa de sua mãe, e respeitava-a a seu pezar.

— Então que dizes? perguntou Magdalena.

Paulo revelou-lhe então os seus pensamentos, manifestou-lhe francamente a sua opinião, cujos resultados conhecerá o leitor mais adiante, e concluiu com estas palavras:

— Faze o que quizeres, minha mãe. Eu descanço no entranhavel amor que me professas.

Em seguida beijou-a e retirou-se ao seu quarto. Seriam proximamente cinco horas quando Magdalena se dirigio ao seu aposento. A's dez da manhã levantou-se, sem ter podido conciliar o somno. Estava pallida, febricitante, concentrada como se sentisse opprimido o cerebro por uma idéa de solução difficil e impossivel. Quando entrou na sala de costura, as orphãs sahiram-lhe ao encontro; mas ella beijou-as machinalmente, e perguntou por seu filho a Angela, que trabalhava junto da grade da janella.

— Sahiu, ha talvez uma hora, respondeu a velha.

— E não disse para onde ia?

— Se minha mãe perguntar por mim, disse-nos, podem declarar-lhe que estou em casa do barão da Soledade.

— Nada mais?

— Nem sequer uma palavra.

Magdalena suspirou. Depois levantou o olhar para a agua-furtada d'Anna, e disse com affabilidade:

— Angela, quer dispensar-me um favor?

— A senhora manda.

— Vou vertir-me e sahir; mas é tão urgente o que me cumpre fazer, que não tenho tempo de chegar a casa da visinha, para averiguar as causas que possam ter motivado o não se vêr luz hontem na sua janella, que se conserva ainda hoje fechada.

— E quer que eu lá vá?

— Quero; e se ella estiver doente, faça-lhe companhia emquanto eu não volto.

— Vou já, senhora.

Magdalena vestiu-se de preto, poz um chapéu elegantissimo sobre as suas tranças de oiro, e sahiu, sem dizer aonde ia.

solemnidades religiosas que se hão-de realisar pelo centenario e fazendo algumas recommendações aos seus subordinados e aos fieis em geral.

O programma diz assim:

1.º Festa na Real Casa de Santo Antonio, a 13 do proximo mez de junho.

2.º Nos dias 17, 18 e 19, sermões, exposição e benção com o Santissimo na Sé Patriarchal, Santo Antonio e S. Vicente de Fóra; um só dia em cada egreja.

3.º No dia 20: Communhão geral nas igrejas.

4.º No dia 22: matinas solemnes em S. Vicente de Fóra.

5.º No dia 23: Pontifical e benção Papal na mesma igreja.

Pelo S. Padre o Popa foram concedidas as seguintes graças para a cidade de Lisboa:

1.º Indulgencia plenaria no dia 13, ou em qualquer outro dia da oitava de Santo Antonio. As pessoas que desejarem lucrar esta indulgencia, deverão fazer um boa confissão e communhão, visitar as igrejas de Santo Antonio, de S. Vicente de Fóra e Sé Patriarchal, e ahi orar segundo as indicações do Romano Pontifice.

2.º Faculdade aos confessores, durante a oitava, para absolverem dos peccados reservados á Santa Sé.

O sr. Patriarcha concede:

1.º Licença para uso de carne desde o dia 28 de junho até 6 de julho inclusivé, aos fieis que se acharem em Lisboa, ficando tambem dispensados do jejum que nos mesmos dias occorrer, e que será substituido por uma esmola aos pobres.

2.º Indulgencia de trezentos dias, nas visitas ás igrejas para isso destinadas. Fóra de Lisboa será a igreja parochial ou qualquer outra.

3.º A mesma indulgencia em cada dia do Triduo que se celebrar, onde quer que a elle se assista.

4.º Indulgencia de cinco annos aos que participarem da Communhão Geral, em qualquer das egrejas acima mencionados, ou em qualquer outra, havendo n'isso muito incommodo. A mesma graça aos de fóra de Lisboa, no dia 13 de junho, havendo em sua freguezia Communhão Geral.

5.º Benção Papal na festa de Santo Antonio em S. Vicente de Fóra, no dia 23 de junho.

No dia 30 sahirá de S. Vicente de Fóra a procissão solemne de Santo Antonio. S. E. roga e convoca desde já para tão grandiosa manifestação, clero, nobreza e povo.

As recommendações da sua eminencia, dizem assim:

E para que todo o patriarchado se associe ao regosijo da metropole, honrando a Santo Antonio, que por toda a parte é venerado, S. E. ordena que em todas as freguezias de fóra da cidade se faça um triduo do preces deante da imagem do Santo, que podem constar: da recitação da corôa seraphica; ou qualquer outra devoção ao Santo, e que durante o triduo se disponham os fieis para uma communhão geral, no dia 13, afim de mais facilmente se poderem alcançar as indulgencias que acima estão concedidas aos que residem fóra de Lisboa.

S. E. recommenda de um modo mui particular, á commissão executiva dos festejos, que não olvide as viuvas pobres e honestas da cidade, bem como as instituições religiosas que vivem das esmolas dos fieis, mórmente aquellas que seguem a vida religiosa na Ordem de que é inclito filho Santo Antonio.

S. E. convida tambem para o primeiro congresso catholico internacional, que no dia 25 de junho proximo, depois de resada a missa no Espirito Santo, deve abrir-se em S. Vicente de Fóra, «os homens de boa vontade e santas crenças, que desejarem robustecer-se na fé catholica apostolica romana com os importantss assumptos, que, por essa occasião, serão tratados por oradores que saberão desempenhar-se com a competencia que se lhe reconhece, e que exige a solemnidade de acto tão importante.»

*

E' posto á venda no principio da semana proxima o *Guia do forasteiro em Lisboa* por occasião do centenario antoniano, livro de cento e sessenta e tantas paginas, illustrado, contendo: Chronica de Santo Antonio, descripção do culto em Lisboa e em Padua, reliquias do Santo, milagres que lhe são attribuidos, curiosidades historicas, artisticas e scienticas em Lisboa e arredores, programmas official dos festejos, detalhado, da regata, da exposição sacro-ornamental, indicações de hoteis, restaurantes, postos medicos e outros estabeletimentos de utilidade, horario e preços da viação na capital, trens de praça, etc., noticias varias.

Este livro, onde se acham compiladas todas as indicações que possam servir de guia ao forasteiro e que nunca foram reunidas senão em livros muito caros, custará apenas 60 réis. A inscripção para os annuncios fechou na quarta-feira.

Esquadra franceza.—Entrou no porto de Vigo, onde se demorará 8 dias, uma esquadra franceza, que procede de Brest e Rochefort. E' commandada pelo almirante Arguier e compõe se dos couraçados de esquadra *Suffren*, que arvora o pavilhão do almirante, *Requin* e *Jemmapes*; guarda-costas couraçado *Furieux*, cruzador de 1.ª classe *Jean Bart*, cruzador de 3.ª classe *Coetlogon*, cruzador-torpedeiro, *Epervier*, aviso-torpedeiro, *Lance*, torpedeiros d'alto mar, *Tourbillon*, *Aveker* e *Dauphin*. As equipagens d'estes 11 navios andam por 2:360 homens. São todos barcos modernos, bem construidos e poderosos, como se verá pelos seguintes apontamentos:

O *Suffren* é construido em madeira com couraça de aço da espessura de 20cm, mede 85m de comprido por 17m,44. Desloca 7.187 toneladas, tem 8 caldeiras, 32 fornalhas e 2 helices. A força motora é indicada em 4:181 cavallos e o andamento é de 14,30 milhas por hora. A sua artilheria compõe-se de seis peças de 14cm e doze canhões rewolvers. E' tripulado este grande barco de gueraa por 674 homens. Foi lançado ao mar em 1870.

O *Requin* é construido em ferro e aço; mede 85m,30 por 18m de largura, tendo couraça de 0m,50 de espessura. Desloca 7.168 toneladas, tem 10 caldeiras, 30 fornalhas e dois helices, sendo a sua força motora de 5:055 cavallos. Anda 14.22 milhas por hora. A artilheria é composta de seis peças de 27cm, duas de 42cm, tres de 47cm, quatro de 10cm, dez canhões-rewolveres e duas de 65mm. A equipagem é de 373 homens. Foi lançado ao mar em 1885

O couraçado *Jemmapes* é d'aço e tem couraça de 46,25cm. Mede de comprimento á linha d'agua 86,m4 por 17m,5 á maior largura. A deslocação é de 6590 toneladas. A sua força motora provém de 16 geradores Lagrufel D'Allest e deita 14.48 milhas. A artilheria consta de seis canhões de 27cm, quatro de tiro rapido 10cm, quatro de tiro rapido 47cm, dez canhões-rewolvers e dois tubos lança torpedos. Foi lançado á agua em 1881 e tem 282 homens de tripulação.

O guarda costas *Furieux* mede 72,m55 de comprido por 17,m72 de largo; a couraça é de 50cm de espessura. Desloca 5560 toneladas, tem 8 caldeiras, 16 fornalhas e 2 helices e a força da machina é de 4107 cavallos, deitando umas 13,92 milhas por hora. Foi lançado ao mar em 1883 e é tripulado por 248 marinheiros.

O cruzador de 1.ª classe *Jean Bart* é todo d'aço e mede 107,m70 por 13,m30. Desloca 4126 toneladas, tem 6 caldeiras e 12 fornalhas e attinge a velocidade de 19 milhas por hora. Foi lançado á agua em 1879 e é dotado com 331 homens de marinhagem.

A artilheria consta de quatro peças de 16cm, seis de 14cm, oito canhões-rewolvers, seis de 47mm, tiro rapido, dois de 65mm, tiro rapido e quatro tubos lança torpedos.

E' de 3.ª classe o cruzador *Coetlogon*, tambem construido em aço. Tem 95 metros de comprido por 9m,30 de largo e desloca 1:848 toneladas. A velocidade é de 20,94 milhas por hora. E' armado com quatro peças de 37 e quatro tubos lança-torpedos. A equipagem é de 195 homens. Foi lançado ao mar em 1888.

O cruzador-torpedeiro *Epervier* é egualmente d'aço. Tem 68 metros por 8,90 e desloca 1:272 toneladas. Tem quatro caldeiras e oito fornalhas e anda 17,35 milhas. A equipagem é de 132 homens. E' armado com cinco lança-torpedos, quatro canhões de 47cm, tiro rapido, cinco de 10cm e quatro rewolvers. Foi lançado ao mar em 1886.

Os outros são barcos de pequena lotação.

Desmoronamento de um reservatorio—Uma fabrica innundada—Uma victima.—Na fabrica de rolhas Robinson, em Portalegre, deu-se na terça-feira um acontecimento que poderia ter tido funestissimas consequencias e que ainda causou a morte de uma pobre mulher, operaria d'aquella fabrica. N'um ponto superior á fabrica, havia sido construido ha pouco um grande reservatorio d'agua, que estava sempre cheio. Na terça feira, pelas onze horas da manhã, os operarios foram sobresaltados por enorme estrondo, e viram de repente as officinas invadidas por uma massa d'agua, que investia com tal impetuosidade que arrastava adiante de si volumes enormes e relativamente pesados. Todos fugiram de tropel em direcção ás portas, que foram immediatamente abertas, devendo-se a esta circumstancia o não ter havido maior numero de victimas. N'uma das officinas ficou, uma pobre operaria, Marianna Caldeireira, que, atemerisada pelo desastre, cahiu no solo, e quando lhe accudiram estava quasi morta, vindo a fallecer momentos depois. Os operarios portaram-se com coragem, e a isso se deveu não ter havido mais victimas. Em consequencia d'este sinistro, ficaram paralysados os trabalhos na fabrica, o que vem augmentar a miseria que ha tempo a esta parte se apoderou da pobre e triste classe operaria.

O cavallo branco.—Em todos os tempos, os cavallos brancos foram tidos em alto valor e até como symbolos. Era assim que antigamente os consideravam como os unicos de que deviam servir-se os principes, como para dar um testemunho da sua soberania. D'ahi, o preço elevadissimo a que attingiam. Os historiadores gregos e romanos offerecem numerosas notas sobre a alta conta em que se tinham os cavallos brancos. Segundo Herodoto, eram os sicilianos obrigados a dar annualmente a Dario, rei da Persia, trezentos. Dyonisio, tyrano de Syracusa, diz Tito Livio, sahia sempre do seu palacio em um carro tirado por quatro cavallos brancos, e n'isto foi imitado pelos seus successores. Nero entrou em Napoles em um carro puchado por quatro cavallos brancos, diz Suetonio. Em data mais recente, quando o imperador Carlos IV foi visitar Carlos V, appellidado o *sabio*, rei de França, este, com receio de que o imperador entrasse em Paris como em cidade do seu imperio, enviou-lhe um cavallo preto e outro da mesma côr para seu filho Wenceslau. Depois, foi esperal-os montado em um cavallo branco e entrou no meio d'elles na capital da França. Dava assim a entender que era elle o unico soberano. Muitos papas teem tambem usado de cavallos brancos, como signal de soberania e teem concedido o mesmo uso a certos bispos. Ainda hoje a maior parte dos *sportmans* preferem a todos um bello cavallo branco.

PELO ESTRANGEIRO

O duque de Orléans.—Dizem de Sevilha que o duque de Orléans sahirá de Sevilha para a Inglaterra em um *yact* que lhe emprestará um opulento banqueiro francez. O calor que se sente em Sevilha faz com que se torne necessaria a sua partida para a Inglaterra. No domingo ultimo foi-lhe collocado um novo apparelho, Parece que o medico, dr. Recamier, não acompanhará o duque á Inglaterra.

O casamento da princeza Helena.—Os jornaes estrangeiros téem-se incumbido de fixar o dia do casamento do duque de Aosta com a princeza Helena de Orléans. desmentindo, porém, o que por vezes téem a ffirmado a tal respeito e continuando, portanto, a mesma incerteza com relação á data da realisação d'aquelle acto. Agora dizem de Roma que o casamento está fixado para o dia 20 de junho, e què o principe de Napoles assistirá a elle. Tambem se affirma que os noivos passarão alguns dias na Inglaterra e que depois partirão directamente para Roma, onde chegarão no dia 17 de julho.

O anniversario da morte de Carnot.—A viuva do finado presidente da republica franceza parece que vai deixar Pariz, mas só depois do anniversario do assassinato do marido. Foi-lhe já annunciada a remessa de grande numero de corôas, procedentes de todos os pontos da França, desejando ella propria assistir á sua collocação no Pantheon, no dia da ceremonia, cujos pormenores serão regulados depois da viagem que o actual presidente da republica vai fazer ao sul da França.

A Allemanha fortifica-se.—A' similhança da França a Allemanha não deixa de augmentar as suas fortificações segundo se lê n'uma folha estrangeira, as obras fortificadas de Moguncia vão tomar consideravel desenvolvimento. As aldeias da Haidesheim, Nieder e mais umas dez ficarão comprehendidas na região fortificada. As obras prepatorias já começaram.

O fuzilamento de um tenente.—A'cerca do fuzilamento do tenente Valentim Gallego, que pertencia ao exercito expedicionario de Cuba, dão os jornaes de Habana mais os seguintes pormenores:

Quando o réu chegou ao logar em que devia realisar-se a execução, fincando um joelho em terra, indicou repetidamente aos soldados a cabeça e o coração. Eccoou um tiro que não feriu o tenente, que, com grande coragem, increpou o soldado, dizendo:

— Não se atira assim! faze melhor pontaria!

Soou outro tiro. A bala atravessou a cabeça do infeliz official que, condemnado por covardia, mostrou n'aquelle lugubre momento que tinha toda a coragem para não temer a morte. O pobre official cahiu de costas com a mão esquerda sobre o peito e a direita debaixo do corpo.

Dupla execução capital.—O carrasco na Argelia não tem descanço; ainda ha dias decepou a cabeça a seis reus que tinham feito parte de varias quadrilhas de salteadores, outros dizem de bandos politicos, e já na segunda-feira ultima fez outro tanto a dous argelinos condemnados á pena ultima por terem pertencido tambem aos mesmos bandos. A execução verificou-se em Tizi-Uzu, e parece que sem incidente de maior.

Ao gréves em França.—Segundo uma estatistica official que vai ser publicada, no anno de 1894 houve em França 391 *gréves*, nas quaes tomaram parte 54:576 operarios. Essas *géves* deram-se em 1:731 estabelecimentos, produzindo uma folga que se calcula praticamente em 1.062:480 dias. Em 1893 o numero de *gréves* tinha sido de 634, alcançando 4:286 estabelecimentos e 170:123 *grévistas*. O numero de dias de folga produzido por essas *paredes*, fôra de 3:174:000.

As joias em Paris e as senhoras.—Está agora muito em voga, em Paris, uma moda que as americanas implantaram a respeito de joias. Trata-se de que cada senhora, nova ou de edade, use, de preferencia, a pedra que se acha affecta ao mez em que nasceu. Como é de suppor, nem todas as leitoras sabem qual é a pedra que corresponde a cada mez. A esse respeito, um jornal explica o seguinte: A granada, emblema da constancia, é a pedra do mez de janeiro, e prediz á sua possuidora uma existencia ditosa. A perola pertence ao mez de fevereiro. O Jacintho, pedra a que se attribue a virtude de ver a sua dona realisados todos os desejos, corresponde ao mez de março. O brilhante, emblema da innocencia e de affectos duradouros, pertence a abril. A maio, a esmeralda, que tem o dom de tornar venturosos os amores. A junho, o olho de gato, que perdiz saude, riquezas e longa vida. A julho, o rubim, que tem a propriedade de tranquilisar os espiritos e de salvar das tempestades a sua possuidora. A agosto, a pedra denominada *clair de lune*, que, segundo se diz, tem a virtude de conceder o condão da prophecia. A setembro, a saphira, que livra todas as pessoas nascidas n'este mez de qualquer perigo. A outubro, a opala, que proporciona formosura e sorte a quem a possue. A novembro, o topazio, considerado como um perservativo contra a loucura e morte repentina. Finalmente, a dezembro, a turqueza, pedra a que se attribuem as mais efficazes virtudes.

A fortuna d'uma bailarina.— Ha dias terminou em Londres o leilão dos moveis, objectos de arte e quadros que tinham pertencido á fallecida mistress Lyne Stephens, que fôra na sua mocidade uma estrella do corpo de baile nos principaes theatros, e que dotára Cambridge de uma formosa cathedral. O leilão produziu a bonita somma de 123:733 libras sterlinas (556:793$500), sendo isto apenas uma gotta de agua para a fortuna deixada pela ex-bailarina, fortuna que lhe legára o marido o opulento banqueiro Stephens.

Um prégador cego.—Succede por vezes alguns padres cegarem com a idade, mas o que é raro, e mesmo unico, é ser ordenado padre um cego. E' o caso do padre Dufresne, do clero de Genebra, missionario apostolico, conego honorario de Soissons, que tendo cegado quando começava os seus estudos theologicos, proseguiu-os inclusivamente até ao doutorado, sendo ordenado por uma permissão especial de Pio IX, que lhe era muito affeiçoado. O referido sacerdote devia ter prégado no domingo, em Pariz, na igreja dos Carmelitas, rua Vaugirard·

Uma descoberta importantissima.—O serum contra a erysipela.—O correspondente parisiense da *Independencia belga* communicou-lhe uma noticia que vae ter enorme ecco em o mundo medicinal e no mundo dos enfermos. Após muitas tentativas infructuosas, acaba-se finalmente de descobrir, no Instituto Pasteur, um remedio certo contra a erysipela. O principio que dirigiu as novas investigações é ainda o principio da serotherapia, que já se mostrou tão fecundo na lucta emprehendida pelos bacteriologistas contra a terrivel diphteria. Foi o dr. Marmorek, de Vienna, quem conseguia estabelecer, sobre bases solidas, a therapeutica da erysipela. Até ao presente, quarenta e seis enfermos tratados pelo novo *serum* curaram-se com maravilhosa rapidez. E esses resultados são tanto mais notaveis, que esses enfermos foram escolhidos entre os mais gravemente atacados e cujo estado inspirava vivas inquietações. Assim como o constata a communicação do dr. Marmorek á Sociedade de Biologia, a intensa febre que os doentes tinham, desapparecia no fim de vinte e quatro horas o maximo depois da injecção curativa. Ao mesmo tempo o estado geral dos enfermos tornou-se o mais satisfactorio. Todos os symptomas graves que se produzem durante o curso da erysipela, albuminuria, formação de abcessos, intoxicação geral, cediam ante a acção do *serum* empregado. Bem depressa a viva inflammação cutanea, que caracterisa a erysipela, desappareceu, e a cura era completa. Ainda ha, porém, outro facto mais importante: o remedio de que se trata não limitará os seus effeitos á erysipela, e é susceptivel de applicação muito mais geral. O dr. Marmorek conta empregar o seu *serum* em numerosas affecções em que o microbio que causa a erysipela representa um papel pathogenico importante; por exemplo, a febre puerperal, a broncho-pneumonia das creanças, certas anginas graves, etc. O auctor da descoberta deve estes resultados á perseverança que empregou para dar ao microbio auctor da affecção uma virulencia desconhecida até agora. Vaccina contra esse perigoso microbio cavallos e jumentos, injectando-lhes, de fórma prudente e pautada, dóses progressivas de culturas. Quando os animaes estão fortemente immunisados, extrahe-lhes o sangue, e separa-se o *serum*. Este liquido contém substancias que, injectadas nos enfermos erysipelatorios, colloca-os na situação de destruir os germens pathogeneos e de triumpharem da affecção. No Instituto Pasteur de Pariz, grande numero de animaes já estão actualmente no curso de vaccinação, e em breve dispôr-se-ha da quantidade de *serum* necessaria para tratar numero consideravel de enfermos. O *serum* contra a erysipela será dentro de pouco applicado não só em Pariz, como em Bruxellas.

Alimentação vegetal.—Reuniu-se ha dias em Londres a assembléa geral da associação vegetariana d'aquella cidade, sendo lido o relatorio, de que os jornaes fazem alguns extractos interessantes. Depois de elogiar o regimen da alimentação unicamente vegetal, o relatorio affirma que a Associação conta no numero dos seus membros seis socios com 100 annos, vinte com mais de 90 annos e cerca de cem octogenarios. Diante de taes algarismos, o relatorio, como é natural, encarece o regimen seguido por todos os membros da Associação, lamentando, comtudo, que, para dar o exemplo, a familia real ingleza não faça parte do gremio, praticando a doutrina vegetariana.

Um sabio amigo das mulheres.—Um sabio russo, o professor Sarkschevitch, acaba de estabecer, no *Naprosy Filosofyi*, a superioridade definitiva do homem sobre os animaes e da mulher sobre o homem. Descobriu que o valor intellectuel estava na rasão directa do peso, não só do cerebro, mas tambem de toda a espinhal medula; e, fundando-se n'este principio, formou o seguinte quadro representativo do valor intellectual comparado das diversas especies d'animaes: 1.º, o crocodilo, 1; 2.º, o gallo, 1,5; 3.º, o pombo, 2,5; 4.º, o carneiro e o cavallo, 2,5; 5.º, o gato, 3; 6.º, o cão, 5; 7.º, o ouriço cacheiro, 7; 8.º, o elephante, 11; 9.º, o chimpanzé, 11; 10.º, o homem, 49; 11.º, a mulher. 50. Este sabio russo é um *gâlant homme*, diz com graça o jornal onde encontramos esta noticia.

SECÇÃO SCIENTIFICA

A MEDICINA E A MUSICA

Queixam-se muitas vezes, e com razão,—sobretudo as senhoras — que os medicos não sabem dar senão coisas ruins para tomar, afim de curarem as molestias com que nos mimoseou a natureza. Hoje, assignalamos um remedio muito facil de tomar e pelo qual as pessoas de saude tomam gosto. Referimo-nos á therapeutica musical, que acaba de ser posta em moda e na ordem do dia pelo sr. Blackeman, medico alienista de Portsmouth. A roda medica ingleza está atarefada com a applicação methodica da musica, da harmonia, ao tratamento das molestias mais diversas. Para fazer uma applicação racional das musicas ao tratamento dos individuos—sem fallar das collectividades — diz com razão Rouxel no *Journal d'hygiene*, seria preciso não só conhecer a fundo a musica e as causas dos seus effeitos diversos; não só applicar o genero de instrumentos e de arias que conviessem a cada molestia,—as idiosyncracias, as disposições phisicas e moraes dos pacientes, outras tantas causas que modificam a acção da mesma aria; como tambem seria preciso escolher o tempo e o logar favoraveis para applicar o remedio de maneira que produza todo o seu effeito. São longos e minuciosos os estudos a fazer, pois, presentemente, só conhecemos mui pouca cousa d'este methodo. Segundo o propagador do emprego da musica na medicina, os effeitos do fluido harmonioso, dos sons arranjados e emittidos segundo uma ordem determinada, seriam a dilatação dos vasos sanguineos, e os resultados, uma acceleração das funcções nutritivas. A musica por si mesma deve agir de muitos modos sobre nós. Eis os principaes: 1.º pelo timbre; 2.º pelo rythmo; 3.º pelo tom; 4.º pela successão dos tons; 5.º pela tonalidade e modulidade das combinações dos tons; 6.º pela simultaneidade dos tons; 7.º pela harmonia ou successão dos accordes; 8.º pelas combinações infinitamente variadas d'esses diversos elementos na orchestra. O timbre dos sons harmonicos, cheios, brilhantes, ruidosos, (tambor, violino) excita a alegria; por conseguinte, activa a circulação sanguinea. Os timbres dos sons surdos, velados (tambor, violino com surdina), produzem uma impressão de melancholia, e até de tristeza mais ou menos profunda. Os movimentos methodicos ascendentes elevam a alma com elles e tornam-se alegres. Os movimentos descendentes o contrario. E está claro que o moral reage sobre o phisico.

Nos Estados-Unidos, a cura pela musica — *healing by music*—está na ordem do dia. Joy Watsou, artista musical de nomeada, é ardente partidario d'ella. Pela iniciativa de Howard Young, installaram, em Hartford-Connecticut, um club que tem por missão enviar aos hospitaes frequentados pela classe pobre excellentes caixas de musica. Eis, de um modo pratico como se deve empregar a musica:

As notas *calmas e lentas*, para as febres e as excitações mentaes; As arias *alegres* para os estados de depressão, de convalescença, de melancholia, de estupôr; As arias *religiosas*, para os organismos cançados.

SECÇÃO LITTERARIA

ELLE!

(Imitado de Victor Hugo)

A seguinte formosa poesia, que é arte alliada á belleza da forma e do pensamento, diz quanto basta para se equilatar dos merecimentos inegaveis do seu laureado auctor. Offerecemol-a aos leitores como um mimo de altissimo valor, que na verdade é.

I

Em tudo, em toda a parte eil-o presente,
Elle sempre, o guerreiro, o scismador!
Seu rosto, calmo e em paz, ou tôrvo e ardente,
Sempre ao meu coração se vem impôr.
Estremeceu-me o seio; e á minha mente
Chega como que um sôpro inspirador
Quando n'ella se eleva a toda a altura
Seu vulto que entre auréolas fulgura!

Imberbe quasi, os chefes dominando,
Aqui... vejo-o os obuzes assestar;
Além... um povo amigo libertando
Do estrangeiro jugo secular.
Ainda mais além o vejo, quando
As tribus do deserto o veem saudar;
Ou quando, consul já, labuta, pensa,
Véla, e sonha do imperio a gloria immensa!

Depois... imperador grave e sereno
Quando impulsa á peleja as legiões;
Quando sobre a colina, a um leve aceno
O fogo e a morte expellem seus canhões:
Quando a Europa lhe é já reino pequeno,
Quando cria, ou depõe, reis e nações;
Quando á guerra em que vê louros e palmas,
Sua alma conduz um milhão d'almas!

Depois... pobre e mizerrimo captivo
Qual monstro abjecto ao mundo indigitado,
Com seus braços cruzados, pensativo,
Sobre um rochedo nú, de mar cercado:
Lá onde tudo abraza o sol nocivo,
E é tudo das tormentas açoitado;
Onde só se consente liberdade
Ao seu pensar... eterna tempestade!

Como elle é grande alli sob a tortura
Do seu infame algoz e vil senhor,
Quando a dôr os direitos lhe depara
Que a Europa inteira o esmaga sem pudor!
Quando exhausto, já sobre a sepultura
A dois mundos impõe inda o terror;
Quando martyr, n'um carcere nefando
Os tyrannos o expõe, rindo e mofando!

Como é sublime então! Elle, o traido...
Só bençãos tem na sua extrema hora!
Aos seus, á França, ao exercito querido
Lega a ultima lagrima que chora!
Do inerte assim morrer, lasso, abatido,
Aos tristres, que o rodeam, se deplora;
E o manto militar que cinge ao peito
Por mortalha quer ter no eterno leito!

II

Em toda a Italia, em Roma onde o Papado
O segue, e vae coroar mesmo em Paris...
Em Bruxellas, Madrid, Berlim, Vienna,
Em Marengo, Wagram, Eilau, e Iena,
Em Varsovia, em Moscou, em Austerlitz...

Em toda a parte elle é! Junto do Nilo
Volto a ver sua imagem colossal.
Soldado, moço, audaz, douto, prudente,
Poeta e sonhador... é no Oriente
Que desponta o seu astro imperial!

Os velhos Scheiks, o livre Beduino
Prestar vem o louvor, o preito, a fé
Ao Gran-Senhor cercado de prestigios,
Heroe que assombra a terra dos prodigios,
Do occidente um novo Mahomet!

Já na tenda do arabe a magia
Reconta a sua historia, e o seu podêr:
«Do fogo sultão é, e da victoria:
«Deslumbra e cega a luz da sua gloria?...
«Allah que é Deus, e é grande...assim o quer!»

E essa luz refulgia em todo o Egypto;
E ouvindo o hymno seu, o seu tambor
As creanças, sorrindo, ao som marchavam,
E os fogosos cavallos rolinchavam
Ao nome do immortal conquistador!

Sobre o tufão ardente do deserto
Lá vem elle por vezes contemplar
Do alto das pyramides gigantes
O vasto mar d'areias scintillantes
Que vae com seus valentes afrontar.

E d'alli, projectada a sua sombra,
Para os ceus do Oriente erguendo a mão,
Mostra bem aos seus bravos a victoria;
E os quarenta seculos da historia
A' sua voz... alli presentes são!

«Erguei-vos!» Brada elle: E cada seculo
Um a um d'improviso erguido é!
Satrapas, Pharaós, Israelitas,
Syrios, Persas, Teutonios, Gallos, Scitas
Eil-os! Junto do heroe surgem de pé!

O sceptro trazem uns, outros a espada,
Aquelles o crescente, estes a cruz;
Quantos bravos a historia ha já sagrado
Fazem todos a côrte do passado
Ao Rei d'hoje que os vence e que os seduz!

Na senda, pois, do genio immorredoiro
Sem rival nas já findas gerações
Em tudo aquelle genio e aquelle braço!
Embora o Nilo e Assur a cada passo
Assalteem do Egypto as regiões...

Embora o simoun com furia insana
As revolva e deforme... é tudo em vão
As pégadas do heroe no solo incerto,
Na areia movediça do deserto
Eternas sobre a terra ficarão!

III

Na historia, nas artes, na poesia,
Na terra e mar, nos páramos do ceu,
Em tudo quanto genio audaz demande...
Eu não posso encontrar nada de grande
Sem que enxergue de frente o nome seu.

Demonio ou anjo... Embora! Aquella fronte
Nossas almas attrae, prende e seduz;
Sua aguia, adejando, nos arrasta:
Se alguem, timido, a vista d'elle affasta
Bem depressa o revê: é como a luz!

Nas leis, no bronze ou marmore, na tella,
Em tudo quanto é feito, escripto é,
Com seu vulto gigante deparamos
Se o limiar do seculo fitamos
N'elle o esplendido heroe surge de pé!

IV

Assim, o viajante que se affasta
Do Vesuvio, e que até Portici vem...
Quando Ischia percorre, ella, a virente,
A mimosa odalisca do Oriente
Avara dos perfumes, que em si tem...

Quando em Poestum contempla as galerias,
Ou em Pouzol, a vida, toda amor...
Lá onde a gentil dama enamorada
A's noites na janella debruçada,
Manda beijos na brisa ao trovador...

Quando no Pauzilipo ao gondoleiro
Ouve, em versos de Tasso, uma canção...
Ou quando de Pompeia entrando a porta
Contempla a *mumia triste*, outr'ora morta
Sob os beijos ardentes do vulcão...

Alli, das vias, parques e campinas,
Das fontes, rios, lagos, do alto mar...
Das villas, dos castellos, das collinas,
Dia e noite, com lua, ou sem luar...
—Vê sempre o viajante no horisonte
Sempre!... o negro gigante alçando a fronte,
Golfando fumo e lava sem cessar!!!

Porto—1895.

Furtado d'Antas.

A PRIMAVERA

(Reproducção)

Toda a natureza é festa!
Parece toda sorrir!
—Rebenta a flôr da giesta.
Começa o prado a florir!—
De flôres pende a roseira.
Brota a flôr da macieira.
E das aves, na balseira,
começo os cantos a ouvir.

Toda és linda, ó primavera,
rainha das estações!
—Ao tronco se enlaça a hera,
orna-o de verdes festões.
E além, na verde espessura,
junto á fonte, que murmura,
canta o pastor com ternura
suas singellas canções—.

A crystallina corrente
desliza com mansidão.
Junto a ella brandamente
se inclina o verde chorão.
—E esta magica harmonia
ora me traz alegria,
ora amor, melancolia,
ora doce inspiração!—

Como formoso retrata
o chorão, o choupo, o til,
o lago de azul e prata,
que a briza beija subtil!
—N'elle vae mirar-se a rosa.
E á flôr, tão bella e cheirosa,
a louquinha mariposa
vae dizer segredos mil—.

Por noite serena a lua
como se ostenta e reluz!
Em socego a imagem sua
á poesia nos conduz!
Bafejada pela aragem,
rompe essa branda roupagem
e a sua formosa imagem
no lago se reproduz!

Tudo são rizos agora
d'estas manhãs no arrebol!
Já é mais risonha a aurora;
mais saudoso o pôr-do-sol.
—E á noite se escuta o canto,
que os poetas amam tanto,
que vem roubar-nos o pranto,
o canto do rouxinol!—

Já o vento tempestuoso
não sopra com rigidez
e nem o mar procelloso
se ostenta com altivez!
Tornou-se o mar lago brando
E o zephyro, perpassando,
as florinhas vai beijando
com amor, com languidez!

Como és suave e formosa,
ó primavera gentil!
Como te ostentas airosa
nas frescas manhãs de Abril!
Tu és a estação das flores!
Ensinas os trovadores
a cantarem seus amores
debaixo de um céu de anil!

A natureza nos falla
de ti com mago condão!
Primavera, toda és galla,
toda rizo e inspiração?
—Quem póde deixar de amar-te,
vendo assim por toda a parte
tantos thesouros sem arte?—
Só quem não tem coração!!

Da minha vida na aurora,
comtigo tambem gosei...
Mas, ai! Primavera agora
eu nem amar-te já sei!
Amo só o que é tristeza,
se o prado é todo belleza,
se renasce a natureza,
eu para tudo acabei!!

Salve! Estação de esperança,
amada do trovador!
Trazes aos peitos bonança
e aos corações o amor.
No rouxinol, que se apura;
na fontinha, que murmura,
na farta e verde espessura,
tu cantas o Creador!

E' só por isso, que eu te amo
e prendes meu coração;
e soletro em cada ramo
palavras de inspiração!
Só por isso!—A natureza,
ostentando tal belleza,
faz ter mais minh'alma preza
ao Auctor da creação!—

Rangel de Quadros.

O PADRE JOSÉ

Deu-me hoje o fresco d'estas poeticas noites da primavera para escrever um conto, como aquelles que me contaram a minha querida avó e a minha sempre lembrada mãe, que Deus tenham em gloria.

Era uma vez um padre, mas d'estes padres que não tem o Evangelho na cabeça nem na barriga, mas sim no coração. Era um padre d'estes, que, sendo austeros nos costumes, era um santo e acompanhava tanto os pobres como os ricos nos seus passeios pela freguezia que pastoreava. Bondoso, affavel, caritativo, tinha como que um iman que attrahia para si todas as pessoas que tinham a dita de o ver a primeira vez. A mim me aconteceu isso.

Em 1872 chegava eu a uma das poeticas villas do Alemtejo a tomar conta do meu logar de escrivão de fazenda. Ao outro dia da minha chegada e, estando á cavaqueira na praça da villa junto á porta da administração do concelho, que era uma loja, como as de mercearia, alli conheci o padre José, assim se chamava o bom do padre, e mal o vi, cumprimentei-o; estendeu-me a sua mão já com esse meio-frio do outomno da vida, e eu apertei-lh'a com esse sentimento de viva sympathia, que nos inspira um caracter limpido e sereno. Conversámos, n'essa bella cavaqueira d'um recemchegado e no alvoroto que eu tive em ver essa uberrima provincia chamada Alemtejo.

Eu gostava de ouvir o padre José. Para tudo tinha uma palavra d'amor fraternal, e sobretudo não era teimoso. Não que elle dizia que uma teimosia era uma demanda, e tinha mais medo da justiça do que o diabo da cruz. E tinha razão, lá isso tinha.

Desde o momento em que conheci o padre José, senti-me attrahido para elle como se visse n'aquelle todo o grande pensamento de Christo:—amae-vos uns aos outros. Alto, magro, encarnado, cara estreita como a de Alexandre Herculano, mas com uma limpidez de olhar que parecia um mago condão das almas escolhidas pelo Senhor. Vestia simplesmente, porque era pobre, não de rendimentos, porque os tinha bastantes, mas porque a sua vaidade ia alem da prodigalidade. Dava tudo quanto tinha, e, quando não tinha, ia pedir aos remediados e aos ricos para repartir com os pobres.

Oh! que se todos os padres assim fossem, como a nossa Religião seria hoje mais respeitada!

Como ia dizendo, fiquei attrahido ao bom do padre, e todas as tardes o procurava como a mestre, e lá iamos passear de nosso vagar, fallando de muitas cousas, porque além de intelligente, era erudito, e tinha uma famosa livraria d'onde eu li centenas de volumes, quando a maldita repartição me dava alguma hora de folga.

Fallavamos de mil cousas, e até de charadas, porque o padre José não só era charadista, mas em rapaz, no lyceu de Santarem, fizera o seu versinho a uns olhos negros e um pé *mignon*. Isto me contava elle, a rir, a pedir-me que não o dissesse nem ao confessor. Tinha medo que os seus versos o viessem magoar na sua austeridade.

N'uma tarde, e bem formosa que ella era, iamos nós passeando, e conversavamos a respeito das obras de Pelletan, Lamartine (o padre José sabia francez como poucos), Victor Hugo, Alphonse Karr, Dumas pae e filho, Alexandre Herculano, Silva Tullio, Rebello da Silva, Mendes Leal, Castilho, Garrett, Camillo, Julio Diniz, Arnaldo Gama, e de Goethe. Ao ouvir fallar n'este auctor allemão, o que escreveu o *Werther*, padre José parou, fixou-me com um olhar prescrutador, e perguntou-me:

— Já leu o *Werther?*

— Já. Traduzido, e, como sabe, meu padre José, um livro traduzido, segundo dizia Stael, são duas linguas estragadas.

— Então se leu esse livro, sabe que foi uma peste que appareceu?

— Sei que é formosissimo, e que tracta do suicidio.

— E' por isso mesmo, que é uma verdadeira peste. Livros assim só uma imaginação escandecida os escreve.

— Mas... atalhei eu.

Padre José não me deixou continuar, e atalhou logo:

— Mas queimam-se da mesma forma que se queima um papel que não se quer que ninguem o leia. Oh! se elle fosse como o *Jocelyn*, de Lamartine!... que lindas paginas; e a Graziella? E que me diz do *Amaury*, de Alexandre Dumas?

Olhei para o Padre José como que espantado ao ouvir fallar n'um pudor já velho em livro de romances, mas elle atalhou:

— Admira-se de que eu lhe falle em romances? Não deve admirar-se. Na sua idadade (eu tinha 32 annos) o coração ainda tem o fogo sagrado das paixões; o meu é que está gelado não só pela minha idade como por estas vestes que me impõem silencio n'estas cousas e a quem não fallo senão ao meu amigo que ama e gosta de litteratura; e desde que sou padre fallo ao lavrador nos campos, vinhedos, semeaduras e colheitas; ao negociante nos preços dos cereaes; aos artistas nas suas obras; aos operarios nos seus salarios, e aos poetas e romancistas em poesias e em romances...

— Mas, volvi eu depressa, eu não sou nem poeta, nem romancista. Sou um simples escrivão de fazenda.

— Calle-se lá, meu rapaz. Eu com gente de cifras não me entendo, nem com politicos. Cá n'esta terra ha pouca politica, e é o que a torna até mais saudavel,—disse elle sorrindo se—mas mesmo essa pouca politica não me importa. Nunca vendi o meu voto a ninguem, e vou votar sempre. Não o vendo, cumpro com um dever de cidadão, e vou votar com a minha consciencia. Se alguem me pedisse um voto julgava-o meu inimigo; por isso ninguem me faz esse pedido, porque, felizmente, todos aqui são meus amigos.

E continuámos a conversar. Tinha razão o Padre José quando me fallou no *Werther*. O suicidio é um insulto a Deus que nos deu a vida. Eu só admitto um suicidio quando fumo um reles cigarro como este que tenho nos labios e que é peor que o veneno dos Borgias.

Padre José já morreu ha mais de quinze annos. Quando, na minha querida Beira Alta, soube da morte do Padre José, chorei. Eu era muito amigo d'elle, e se lhe contasse as historias do Padre José, encheria resmas de papel. Foi um santo, e até para ter a corôa de martyr, fez versos em rapaz. Não quero maior castigo a quem fôr meu amigo. Não lhes parece?

E acabou-se o conto.

19—5—95.

Henrique da Cunha.

CARTA DE LISBOA

24 de maio de 1895.

A imprensa ministerial continua a occupar-se dos propositos do sr. Dias Ferreira, que se diz na resolução de combater o governo na urna. O facto tem tão pouca importancia que é melhor nem fallar n'elle. O sr. Dias Ferreira a combater na urna o governo, tem graça. Um homem politico que não dispõe de quatro votos em nenhum ponto do paiz, é de fartar de rir. Depois as provas que deu como chefe de situação, condemnam-o por tal modo que a sua restauração politica é completamente impossivel. E' melhor deixal-o em paz com os seus propositos, se é que os tem.

— A questão do Nyassa está flagelando muito o governo. Agora descobre-se que este auctorisou os actos praticados pelo sr. João Arroyo, e que é elle por conseguinte o verdadeiro responsavel por todas as burlas que se praticaram. O sr. Baptista de Souza, secretario do tribunal do commercio, já apresentou em juizo a acção contra a companhia. Esta tarde houve uma larga conferencia entre o sr. ministro dos estrangeiros e o representante inglez do grupo dos interessados de Londres nos negocios da companhia. Este manifesta com grande franqueza o pouco cuidado que lhe está dando a questão, porque a parte contractante, que se acha obrigada para com o seu grupo, é o governo portuguez, e é este que lhe ha-de fazer bom o contracto. Se isto não é grave, não ha nada na governação publica, que mereça este nome.

— A questão dos estudantes parece que impressionou bastante o espirito d'El-Rei, quasi que desenganando-o de que os ventos não correm ponteiros para os que tanto tem abusado do poder que exercem. Parece que o encontro de Sua Magestade com sua augusta mãe, no Estoril, teve por fim alguma cousa mais que uma visita. O sr. D. Carlos, quando se julga precisado dos conselhos de sua boa mãe, procura-a, e foi para a ouvir sobre o que se passa, que alli foi. Se El-Rei seguisse sempre os conselhos de suas mãe e esposa, as cousas não chegariam ao estado de depressão em que se acham.

— O artigo que vae hoje d'aqui para o *Campeão* d'âmanhã tem merito e contém incontestaveis conceitos. Recommendo-o d'aqui aos leitores.

—O sr. Augusto de Castilho deve fazer brevemente uma nova conferencia na Sociedade de Geographia de Lisboa ácerca de S. Thomé, Ajudá e golpho de Benim. E' cheia de informações interessantes e de alvitres, que com urgencia devem ser aproveitados. Um novo triumpho aguarda o distincto official de marinha, que vae com essas conferencias prestando um novo e valioso serviço ao paiz, o que com prazer se regista. «Damos—diz o *Commercio de Portugal*—desde já aos nossos leitores mais assiduos a boa noticia, de que é nos concedida a honra e a satisfação de publicarmos nas columnas da nossa modesta folha, a conferencia, que ha de ser brilhante, do sr. conselheiro Augusto de Castilho, a quem agradecemos a distincção com que mais captiva o nosso affecto para com s. ex.ª.» Ao sr. Augusto de Castilho, digo eu, está ainda reservado um grande futuro n'este paiz, pois que é, além d'uma grande intelligencia, um homem d'acção e da mais rigida probidade.

— O governo acaba de receber do commissario regio em Moçambique o seguinte telegramma:

Lourenço Marques, 24.—Findaram hontem as operações de Incomati, sendo batida a margem esquerda desde Macanda até Macanete onde havia preparos de forte resistencia. Revoltosos dispersaram. Mabazul fugiu. Revolta está toda debellada, não havendo indicios de que seja renovada com auxilio de Gungunhama; resta policiar o paiz; portos Marrraquene o Incomine ficam defendidos. Tomaram parte nas operações secções de engenheria, montanha, companhia de artilheria quatro, cem angolas, mil auxiliares, Moamba, Matallo, Cherinda; nenhumas perdas; tropas muito subordinadas.—(a) *Ennes*.

Tem importancia o telegramma que acaba de receber-se. D'este modo a revolta pode considerar-se em via do seu termo, o que é um bem para o paiz.

— Alguns jornaes teem propalado a noticia de que vae haver accordo entre o governo e o partido progressista. E' completamente falsa semelhante versão. O partido mantem a sua attitude hostil e nada haverá que o desvie do caminho traçado.

— Ainda a respeito do negocio de Nyassa diz-se que o documento ha dias entrado no ministerio da marinha, é uma certidão apresentada pelo grupo do sr. visconde da Asseca, d'um depoimento feito em Londres pelo barão de Merck, n'uma acção movida na capital ingleza contra a ultima emissão de acções feita pelos srs. João Arroyo, Centeno e o referido barão. N'um depoimento, declara-se *que o contracto celebrado em Lisboa com o grupo inglez, fôra feito por desejo e imposição do governo de Portugal. Assim lh'o tinham affirmado os srs. Arroyo e commissario regio junto da companhia.* Até se accrescentava que o governo ameaçara com a rescisão da concessão se tal contracto se não realisasse! E' isto o que aqui se conta agora sobre Nyassa e a que o governo tem de acudir com explicações. E' sabido que o grupo do sr. visconde d'Asseca é a parte honrada da companhia.

— A questão dos estudantes da Escola Medica é ainda um grande embaraço para o governo. O governo hesita, estorce-se em convulsões epilecticas, mas quer-nos parecer que se não atreve a mais uma violencia. O general Queiroz impôz-se, mas o governo encolhe-se. E' o que parece e o melhor que tem a fazer. Aguenta-se com a terrivel parodia, e continua nas delicias do poder. A situação não é das mais invejaveis, mas para o governo tudo serve. Tem um bello estomago. Engula e digira como poder.

— O sr. conde do Refugio, que esteve aqui alguns dias, já regressou á sua casa da Covilhã. Aqui recebeu s. ex.ª de todas as suas relações, e dos homens mais importantes da politica, as demonstrações de consideração devidas á nobreza da seu caracter.

— O excellente vinho de pasto que aqui expoz á venda o importante viticultor da Bairrada, sr. Albano Coutinho, tem tido muita procura, procura que deve proporcionar-lhe grande consumo, pois que é vinho puro o que tem a chancella da sua adega. Em Lisboa encontrará o honrado lavrador um mercado que sabe apreciar os productos da sua casa.

— Realisaram-se ante-hontem no ministerio dos estrangeiros os concursos para os logares de secretario de legação, segundos officiaes de secretaria e consules de 1.ª classe Compareceram 20 candidatos, tirando ponto apenas 10. Os restantes prestam provas oraes hoje. Os que ante-hontem compareceram foram os srs. Antonio d'Oliveira Soares, Antonio da Costa Cabral, Antonio de Vasconcellos e Sousa, barão de Saavedra, Carlos Rangel de Sampaio, Carlos de Castro Faria, Alberto d'Oliveira, conde de Lagoaça, conde de Rilvas e Armando Navarro.

— A folha official publica hoje novamente os decretos exonerando os srs. viscondes de Asseca dos cargos que exerciam no paço, com a declaração de que a exoneração foi a seu pedido —pois foram suas ex.ªs que, com a mais nobre altivez, se demittiram.

— Está no Lazareto, vindo no *Nile*, o sr. Leopoldo Mignez, director do instituto nacional de musica, do Rio de Janeiro. Vem encarregado pelo governo do seu paiz de estudar os principaes estabelecimentos de ensino da musica, da França, Belgica, Allemanha e Italia, indicando depois opportunamente, os melhoramentos que forem adaptaveis ao Brazil.

— Foi ante-hontem assignado um decreto que, entre outras disposições, estabelece a isempção de custas para os reus que demonstrem a indigencia, permitte que os juizes fixem o pagamento das mesmas em prestações, mediante fiança, e manda applicar o artigo 615.º da Novissima Reforma Judiciaria, aos condemnados que não façam aquelle pagamento, de que só a indigencia se póde eximir. Preceitua tambem o mesmo decreto que os agentes do ministerio publico ex-officio procedam no caso do artigo 359 do codigo penal, quando o delicto tiver sido praticado publicamente, e que contem algumas uteis disposições sobre forma de corpos de delicto, aconselhadas pela experiencia. A tabella dos emolumentos e salarios judiciaes vae tambem ser publicada em breves dias, como é indispensavel, para começar a ter vigor no 1.º de julho o codigo do processo commercial.

— O cruzador que começou a ser construido nos estaleiros Orlando Fratelli, por conta da subscripção nacional, terá o seguinte armamento: 1 peça de 15 centimetros Krupp a meio no castello a 12m,5 da roda de prôa; outra egual no tombadilho a 14m,25 da pôpa; 2 peças de 10cm,5 Krupp, na tolda, avante do tombadilho, a 19m,35 da pôpa outras duas na tolda, avante do reducto central, a 19 metros da prôa; 2 peças de 47 millimetros, uma a cada bordo na tolda, a meio comprimento do navio; 2 metralhadoras de Nordenfelt de 8 millimetros, uma a cada bordo, nos salientes do reducto central; outras duas nas gaveas de combate; 1 tubo fixo para lançamento de torpedos na roda de prôa, na coberta; 2 volantes, 1 a cada bordo na tolda, a 1[3 do comprimento do navio, de ré. As informações que nos chegam de Italia dizem que terão em tudo um navio de guerra como melhor se não apresentará nenhum no mar.

— Por decreto d'ante-hontem publicado na folha official, cessa desde o dia 25 do corrente todo o fabrico de isca nacional nas fabricas a esse fim destinadas, existentes em 14 de maio ultimo. A isca que existia n'estas fabricas deverá ser entregue aos concessionarios do monopolio dos phosphoros e a que fôr encontrada sem ter pago o novo imposto será apprehendida e o contraventor punido por descaminho de direitos.

— Prestou hoje provas oraes no ministerio dos negocios estrangeiros o segundo turno dos candidatos aos logares de secretarios de legação e consules de primeira classe. Esses candidatos eram onze, a saber: visconde da Torre Bella, Thomaz Ribeiro de Mello, Martinho Brederede, Manuel Joaquim Castanheira de Almeida, Luiz de Arenas de Lima, Antonio Nobre, conde de Rilvas, D. Francisco Galveias, Henrique dos Santos Reis, José Pedro Junior e Julio de Mello e Mattos. As provas escriptas teem logar ámanhã.

— No escriptorio da Companhia da ilha do Principe reuniram-se hontem alguns dos principaes agricultores da provincia de S. Thomé e Principe, para concertarem na maneira de melhorar as condições para a acquisição de serviçaes em Angola. Estiveram presentes muitos agricultores e interessados, e entre elles os srs. Costa Pedreira, conde de Valle Flôr, Macedo, José Amaral, dr. Alfredo Brandão, Henrique de Mendonça, Araujo, Bacellar, Ferreira Marques, Alfredo Mendes pelo Banco Ultramarino, Plantier pela Companhia de S. Thomé, Anselmo de Andrade e Francisco Monteiro pela Companhia da Ilha do Principe, etc., etc. Ficaram estabelecidas as bases para uma solução, que vae ser reduzida a escripto e novamente apresentada n'uma outra reunião, que deve ter logar um dia d'estes.

— Vão ser chamados para fazerem tirocinio para general os srs. coroneis Camillo Rebocho, Firmino Costa, Ribeiro d'Almeida, Silveira Ramos, Manuel Mattos e Semith Barruncho.

— Continua o desmembramento do partido regenerador. O sr. Ventura de Azevedo, professor publico, já fez a sua declaração n'esse sentido.

— O hiate *D. Amelia*, propriedade particular d'El-Rei, sahiu hoje para Sevilha. Deve receber alli o sr. duque d'Orleans que seguirá n'elle para Gibraltar. O principe vae quasi completamente restabelecido.

— Foi hoje preso e está no governo civil, um tal João da Matta, escrivão de fazenda supplente do 3.º bairro, que se occupava no bom serviço de extorquir dinheiro aos contribuintes que não teem meios de pagar. A uma pobre mulher quiz tirar os brincos das orelhas por não ter mais nada de seu. Esta proeza foi o seu calvario. Está pois sob ferros o gatuno.

— Falla-se em que o sr. Frederico Pimentel deixa a direcção geral das obras publicas, sendo substituido pelo sr. Adolpho Loureiro.

— El-Rei partiu hoje para as Vendas Novas. Vae ver a feira de gado que alli se faz e examinar trabalhos que mandou fazer nas suas propriedades agricolas.

— Foram assignados os seguintes despachos de aposentações:—Pelo ministerio da justiça:—O rev. João Valente de Rezende, parocho de S. Vicente de Pereira, concelho de Ovar; o rev. Candido José Ayres de Madureira, parocho de S. Miguel de Arcozello, concelho de Gaya, com a pensão de reis 683$050.

Y.

A' ultima hora.— Corre com insistencia que um deputado brazileiro, na sessão da camara, fallára muito desfavoravelmente contra o nosso ministro, sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, a proposito de umas apreciações politicas que em tempo fizera relativamente ao Brazil. O sr. Thomaz Ribeiro, que não teve quem o defendesse na camara, quiz retirar-se do Rio de Janeiro, embarcando para Lisboa, mas foram-lhe dadas todas as satisfações por parte do governo, de fórma que se considera completamente terminado este incidente.

— Está em perigo de vida o sr. Gervazio Lobato, escriptor publico.

Y.

CARTA DE ESTARREJA

24 de maio de 1895.

O tempo continua muito chuvoso. O frio hontem era insupportavel.

— Está n'esta villa o sr. Visconde de Valdemouro. Sua ex.ª segue para as thermas de S. Pedro do Sul.

— Vieram passar as ferias de ponto a suas casas, os distinctos academicos Pedro Barbosa Sotto-Maior e Alberto Themudo.

— Partiu hontem para a sua casa de Sinfães, acompanhado de sua ex.ma familia, o sr. dr. Cortez Machado, antigo administrador da Povoa de Varzim.

— Perguntaram-me hontem: «Vossê saberá dizer-nos a razão, porque o Junqueira anda, de casa em casa, angariando assignaturas para o *Correio da Manhã*, de Lisboa?» Eu, intrigado, respondia: «Junqueira é de boas carnes, e ellas não se criam a fazer carapuças. O ganhar a vida honradamente, não fica mal a ninguem.» E todos se deram por satisfeitos.

— Nada lhes digo hoje sobre o auto de investigação a que se está procedendo na administração do concelho, e a que me refiro na anterior correspondencia, porque não obtive ainda informações completas. Mas eu garanto-lhes que hei-de saber tudo. Segredo de tres... o diabo o fez.

Airagrebla.

CRÊME SIMON

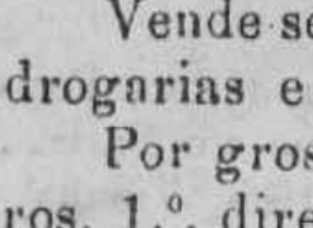
PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

Preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

Vende-se em todas as perfumarias, drogarias e pharmacias.

Por grosso, 159, rua dos Sapateiros, 1.º, direito, Lisboa.



CICLES «IMPERATOR»—Dugour & C.ª, constructores, 81, faub. St. Denis, Paris. Mesmos preços que em grosso. Bicyclettas 1895 grossos tubos esmerados occos 200 fr. Magnificos pneumaticos extra 225 fr. Catalogo gratis e artigos mechanicos.

CASA DE MODAS

LOPES DE SEQUEIRA & COMPANHIA

85, 287, 289, 291, 293—RUA DO OURO

LISBOA

ANNUNCIOS

CASA

VENDE-SE uma de dois andares, sita na rua d'Alfandega, d'esta cidade. Para tratar com D. Maria do Rosario Amorim—Rua de Santo Antonio—AVEIRO.

CARTEIRA

PERDEU-SE ha dias uma, com a quantia de 12$000 réis em notas e outros valores, da rua de S. Roque até á egreja da Misericordia. A quem a tenha encontrado e queira entregal-a a seu dôno, se darão boas alviçaras:

N'esta redacção se diz.

CASA AFRICANA

ESTA antiga casa sita na rua da Victoria, 35 a 41, Lisboa, é um estabelecimento de 1.ª ordem, que se recommenda pela variedade e abundancia dos sortimentos, pela delicadeza dos proprietarios e pela seriedade das transacções. Em sedas e lãs, especialmente, não ha estabelecimento que posta competir com a *Casa Africana*.

Recommendamol-a, por isso, ás nossas leitoras, pois que é no genero uma das casas mais importantes e ao mesmo empo mais acreditadas de Lisboa.

LOTERIA

A commissão executiva da loteria da Santa asa da Misericordia de Lisboa, incumbe-se de remetter qualquer encommenda de bilhetes ou decimos, logo que ella seja acompanhada da sua importancia e do seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Lisboa, 18 de dezembro de 1894.

O secretario

José Murinello.

CENTRO COMMERCIAL VELOCIPEDICO

A. S. DE CARVALHO

43—RUA DA SOPHIA—45

Coimbra

O maior e mais variado sortido em Velocipedes para alugar e vender. As melhores machinas do mundo para Familia, Alfaiate, Sapateiro e Corrieiro e bem assim as celebres machinas oscilantes e para fazer meia, e estas as mais completas. As vendas d'este artigo fazem-se a prestações de 500 réis semanaes. Pianos dos melhores auctores, para alugar e vender. Carros para passeio de creanças. Objectos electricos. Oculos e lunetas. Relogios para sala e despertadores. Concertam-se machinas, velocipedes, oculos e lunetas, instrumentos musicos, etc., etc. Responsabilidade por tudo o que sahir d'esta casa. Vendas a prestações ou a prompto pagamento com vantajosos descontos.

Encarrega-se da venda de instrumentos pelo catalogo e preços da fabrica.

MANTEIGA NACIONAL

FABRICA

EM

PRAIA D'ANCORA

EMPREZA

CANNAS AFFONSO & C.ª

MARCA REGISTADA

Grande exploração de productos de lacticinios. Manteiga de purissimo leite, fabricada pelos mais modernos processos.

N. B.—Esta manteiga entra no mercado para combater a ruinosa e perigosa concorrencia das margarinas estrangeiras, e dos productos mal fabricados no paiz, vendendo-se por um preço altamente vantajoso para o publico.

Garantia escrupulosa no fabrico, e na pureza do producto, eis o ideal d'esta empreza.

Pede-se aos nossos consumidores que se acautellem com as imitações das marcas, d'outras emprezas.

Deposito em Lisboa na Calçada do Marquez d'Abrantes, 8, á venda nos Grandes Armazens do Chiado e em varias mercearias. No Porto, Rua das Flores, 124, e nas principaes mercearias, confeitarias e lojas de chá.

Em Aveiro no estabelecimento do sr. Domingos Pereira Guimarães, rua de José Estevam.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a

Cannas Affonso & C.ª

PRAIA D'ANCORA

ESTABELECIMENTO BALNEAR-HOSPITALAR DAS CALDAS DA RAINHA

O director do hospital real das Caldas da Rainha e seus annexos, participa que no proximo dia 15 de maio será inaugurada a epoca balnear-hospitalar do corrente anno, terminando esta no dia 31 de outubro. No hospital balnear serão admittidos todos os enfermos indigentes que se apresentarem com attestado de pobreza passado pelo parocho da sua naturalidade ou domicilio, vindo este acompanhado por uma certidão passada pelo escrivão de fazenda do concelho a que pertence o doente, declarando que este não paga de contribuição predial e industrial mais de mil réis annuaes, e bem assim de um attestado de medico indicando que o doente precisa fazer uso d'estas aguas sulfureas, mencionando a doença de que elle se acha atacado, sendo todos estes documentos rubricados pelo respectivo administrador do concelho. Os doentes que apresentarem estes documentos, tambem poderão fazer uso d'estas thermas, sem serem internados no hospital. No estabelecimento balnear, as aguas sulfureas que brotam dentro d'este edificio, podem ser applicadas em banhos de immersão, puras ou misturadas com agua commum ou salina natural, tendo a temperatura que se desejar; assim como tambem podem ser applicadas nas mesmas condições, em douches escocezes, circulares, de jorro, de chuva e de agulheta com differentes terminações. Além do uso interno d'estas aguas ellas podem ser egualmente ministradas em pulverisações e inhalações, quer naturaes quer artificiaes, começando estas ultimas applicações no 1.º dia do proximo mez de junho. Contadoria do hospital real das Caldas da Rainha, 1 de maio de 1895.

O director,

Rodrigo Maria Berquó.

SABONETE INSECTICIDA DE SAMPAIO

MATTA pulgas, percevejos, moscas, mosquitos, baratas, traças e formigas. Este sabonete é inteiramente inoffensivo tanto aos homens como aos animaes domesticos. Tambem é o aceio de todas as casas, pois não mancha a cama ou roupa como os pós que hoje estão a vender, e além d'isso não os matta, apenas os atordôa; o que não acontece com o sabonete, que matta instantaneamente, e dura dois mezês a um anno. Preço 100 réis; pelo correio 110 réis.

BALSAMO DE SANTO ANTONIO

Milagroso remedio que põe a andar um paralytico em 8 dias. Este balsamo tem feito importantissimas curas, pois serve para curar dôres rheumaticas, nervosas, sciaticas e dôres de cabeça, e pontadas. Preço de frasco 500 réis; pelo correio 550 réis.

CHÁ MEDICINAL DE SAMPAIO

Cura todos os padecimentos do ventre e estomago, dôres de colica, e destruição dos vermes, e facilita a digestão. Preço de pacote com 25 grammas 200 réis, e com 50 grammas 400 réis.

REBUÇADOS ANTI-FEBRIS

Para combater sezões, quartans, e terçans, e todas as febres. Preço de caixa 500 réis; pelo correio 530 réis.

Grandes descontos para revender

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao seu inventor, João do Carmo Silva Casqueiro de Sampaio, Rua dos Cavalleiros, 50 e 52—Lisboa.

HOTEL DOS CUCOS

JUNTO DA ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO

TORRES VEDRAS

REABRE no dia 15 de maio este bem conhecido hotel, especialmente frequentado pelas pessoas que fazem uzo das thermas dos Cucos e das aguas medicinaes da Fonte Nova.

O Gerente,

Ernesto Nobre.

ATTENÇÃO

ANTONIO Mendes Diniz Fragoso Belem, participa aos seus numerosos freguezes que chegaram ao seu estabelecimento os seguintes artigos:

Manteiga ingleza, 1.ª qualidade.

Chá Hyson, 1.ª qualidade.

Peixe sortido, em latas.

Champagne, cognac, genebra e vinhos do Porto da antiga e acreditada casa Ayres & Filhos.

Bacalhau Noruega.

Grande é variado sortido de amendôas e outros artigos adequados á presente epoca.

Preços sem competencia.

LARGO DA PRAÇA

CEIA

BICYCLETAS CLEMENT

ACABAM de chegar á CASA MEMORIA, de Antonio José Alves, rua do Visconde da Luz, os ultimos modelos de 1895, tanto para passeios como para corridas.

GRANDE REDUCÇÃO DE PREÇOS

Tendo a casa *Clement* resolvido este anno vender as suas machinas a preços certos, participou aos revendedores que lhes era prohibido fazer vendas por outros preços que não sejam os que estão indicados no catalogo de 1895.

N'estas condições são as machinas vendidas ao publico pelos mesmos preços, accrescendo unicamente os direitos de alfandega e mais despezas. Por esta fórma póde qualquer individuo comprar hoje uma verdadeira *Clement*, mais barata do que qualquer outra marca ordinaria!!!

Unicamente á venda na *Casa Memoria*, rua do Visconde da Luz—COIMBRA.

UNGUENTO SANTO

preparado na

Pharmacia Barral

HERPES, EMPIGENS, DACTROS, ARNAS, E QUAESQUER OUTRAS AFFECÇÕES CUTANEAS curam-se com o uso d'este unguento.

Trinta annos de bom exito, são os attestados mais valiosos que podemos apresentar para provar a sua efficacia.

—=(*)=—

Xarope Peitoral

(Codeina e Tolu)

Empregado com bom resultado nas TOSSES REBELDES, BRONCHITES, LARYNGITES, ASTHMA, TOSSE CONOULSA, PNEUMONIA, TISICA, etc., etc.

PHARMACIA BARRAL

126, Rua Aurea, 128

LISBOA

As pessoas que querem um PURGATIVO de primeira qualidade, agradavel de tomar, que não exige regimen especial algum nem modificação alguma nos habitos e occupações, fazem uso das

AFAMADAS PILULAS PURGATIVAS

do Doutor

DEHAUT

de Pariz.

2f50 5f

Qualquer caixa cujo rotulo não levasse o

SELLO

da

UNION DES FABRICANTS

applicado como um sello do correio é uma

FALSIFICAÇÃO

contra a qual os doentes devem acautelar-se com todo cuidado.

FUNDIÇÃO DE FRADELLOS

DE

PRAÇA & FILHOS

PORTO

CONSTRUEM motores hydraulicos, coberturas metallicas, prensas para vinho e azeite, bombas e estanca-rios, portões e grades, linhas d'eixos e polias, columnas e tubos de ferro, guindastes e guinchos, motores para vento, reparações em machinismos e outras obras.

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 50 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

GRANDE FABRICA NACIONAL DE CARRUAGENS

ALMEIDA NAVARRO

RUA DA PALMA, 256

LISBOA

ESTA casa continua como sempre a construir trens de todos os systemas e com as mais modernas invenções referentes a esta industria. Tem actualmente para vender coupés, caleches, landaus, lauda netets, breachs, phaeton-tylbury, phaeton-breack, etc. Apesar de já serem conhecidas as magnificas construcções que aqui se fazem, todos os carros são garantidos para maior segurança dos ex.mos compradores.

ARREMATAÇÃO

A Direcção da Caixa Economica d'Aveiro faz publico, que no dia 2 de junho proximo, serão arrematados os objectos que se acham empenhados n'esta mesma Caixa, e que abaixo vão relacionados, a saber:

N.os	OBJECTOS	Avaliações
45	Um fio de contas com coração, d'ouro	8$500
119	Um coração, d'ouro	4$500
174	Um cordão, d'ouro	9$000
260	Um annel e uma medalha, d'ouro	2$100
774	Uma medalha com brilhantes, d'ouro	28$000
1035	Duas argolas, d'ouro	$700
1803	Dois brincos, d'ouro	2$000
1891	Duas arrecadas, d'ouro	2$400
2062	Duas medalhas, d'ouro	6$000
2077	Uma volta com medalha, d'ouro	5$500
2295	Um annel, d'ouro	1$000
2306	Uma medalha, d'ouro	$900
2439	Dois brincos, d'ouro	2$000
2510	Dois brincos, d'ouro	$700
2512	Uma volta com medalha e dois brincos, d'ouro	14$500
2513	Uma volta, d'ouro	1$500
2535	Duas argolas, d'ouro	1$200
2564	Dois brincos, d'ouro	$600
2603	Duas arrecadas, d'ouro	1$200
2742	Um annel e um broche, d'ouro	2$000
2744	Dois anneis, d'ouro	1$100
2854	Dois brincos, d'ouro	2$600
2865	Um coração e um botão de brinco, d'ouro	2$800
2903	Dois botões de brincos e uma medalha, de ouro	1$600
2932	Uma medalha, de ouro	2$600
2960	Dois pingentes, de ouro	$600
2980	Um pingente e um annel, de ouro	4$000
3074	Duas argollas, de ouro	1$900
3112	Um Crucifixo, de ouro	2$800
3131	Um relogio, de ouro	12$000
3295	Um cordão, de ouro	30$000
3307	Uma medalha, de ouro	2$700
8833	Doze facas, 12 garfos, 12 colheres para sopa, 2 colheres grandes, 2 castiçaes com bobeches e 1 paliteiro, tudo de prata	80$000
9980	Duas argollas, d'ouro	1$200
10273	Dois botões de brincos, d'ouro	1$300
10310	Um cordão e uma medalha, d'ouro	11$000
10611	Um dito com dita, d'ouro	24$000
11015	Uma volta com medalha, d'ouro	3$500
11083	Um cordão com cruz, d'ouro	16$500

Direcção da Caixa Economica d'Aveiro, em 24 de Maio de 1895.

O Secretario,

Francisco Augusto da Fonseca Regalla.

EXTRACTO COMPOSTO DE
Salsaparrilha de Ayer.

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e nteiramente vegetal.

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYEIS, para desinfectar casas e atrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias.—Preço 240 réis.

VERMIFUGO DE B. L. FAHNESTOCK

E' o melhor remedio contra lombrigas.

O proprietario, estando inteiramente satisfeito da impossibilidade de que o remedio falhe, offerece-se para restituir o dinheiro, caso o doente tenha lombrigas e tenha seguido as instrucções, e o remedio não tenha dado resultado

SABONETES DE GLYCERINA

MUITO GRANDES, MARCA CASSELS

Amacia a pelle

A MELHOR QUALIDADE

PREÇOS BARATOS

Vendem-se nas principaes pharmacias e drogarias.

Os representantes **James Cassels & C.ª**, rua do Mousinho da Silveira, 85, 1.º—PORTO.

SELLOS DE CORREIO!

Antigos e actuaes, de preferencia de Portugal e das Colonias, desejo compral-os e pago preços mais elevados do que qualquer outro; por exemplo—1853 D. Maria 100 réis, novo, bom exemplar, original, com gomma, pago réis 100$000!

OTTO MANGOLD-FRANCFURT AM

BETTINASTR, 35.—ALLEMANHA

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—Praça de D. Pedro, 50, Lisboa

CONTRA MILDIO E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

A melhor preparação cuprica para formar com a calda bordaleza o tratamento da mais segura efficacia contra os ataques do Mildio por mais violentos que sejam, tornando inutil o emprego do enxofre simples, como provam á evidencia differentes documentos e um folheto contendo indicações praticas indispensaveis para este tratamento absolutamente efficaz e estampas demonstrativas, o qual se offerece gratis a quem o pedir

SULFATO DE COBRE

DE PUREZA GARANTIDA

PULVERIZADORES

Dos melhores auctores de 8$000, 9$000 10$000 réis.

Pedidos á Companhia Portugueza Hygiene; Fabrica a vapor Campo Pequeno, 17, escriptorio, Rocio, 59, 1.º

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamento, defluxo, rheumatismo, dôres, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito em todas as pharmacias.—Em Pariz, rua de Seine, 31

Proprietario e responsavel

MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.